



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz
Curso de Especialização em Ciência, Arte e Cultura na Saúde.

DANIELLE DE OLIVEIRA BARGAS

ARTE E SAÚDE MENTAL: UMA ATRIZ EM AÇÃO DE CURA

Vivenciando a experiência do Hotel da Loucura

Orientador: Marcio Luiz Mello

RIO DE JANEIRO
2018

Danielle de Oliveira Bargas

ARTE E SAÚDE MENTAL: UMA ATRIZ EM AÇÃO DE CURA
Vivenciando a experiência do Hotel da Loucura

Monografia submetida como requisito parcial
para obtenção do grau de especialista em
Ciência, Arte e Cultura na Saúde, pelo Instituto
Oswaldo Cruz/FIOCRUZ.

Assinatura da Aluna

Assinatura do Orientador

Bargas, Danielle .

Arte e saúde mental: uma atriz em ação de cura vivenciando a experiência do Hotel da Loucura / Danielle Bargas. - Rio de Janeiro, 2018.
72f f.; il.

Monografia (Especialização) - Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ciência, Arte e Cultura na Saúde, 2018.

Orientador: Marcio Luiz Mello.

Bibliografia: f. 59-62

1. arte. 2. saúde mental. 3. educação popular em saúde. 4. Hotel da Loucura. 5. teatro. I. Título.

À todos os companheiros de jornada no Hotel da Loucura.

AGRADECIMENTOS

Aos ancestrais.

Aos mestres do Hotel da Loucura: Ray Lima, Junio Santos, Vera Dantas, Reginaldo Figueiredo, Edu Viola, Lourdes Calheiros, Amir Haddad, José Pacheco. E a tantos outros mestres que durante esse percurso possibilitaram me revelar aprendiz.

Ao idealizador do Hotel da Loucura o médico e ator Vitor Pordeus.

Ao Teatro de DyoNises.

Certas coisas só podem ser pensadas a partir de certas vivências.

RESUMO

O *Hotel da Loucura* (2009-2016), projeto idealizado pelo médico e ator Vitor Pordeus, no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, conhecido popularmente como hospício do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, Brasil, desenvolve uma ação de promoção de saúde mental que pode elaborar perspectivas para saúde coletiva e reflexões para a ciência a partir da expressão cultural.

O projeto de Pordeus, fundamentado na história da arte de curar, desde sua origem ancestral, funda uma “Universidade Aberta” que tem seus princípios de produção de conhecimento enraizados na cultura e na educação popular, que se unem principalmente a terapêutica de Nise da Silveira (1905-1999), psiquiatra brasileira, que indicou a terapia expressiva em ambiente de afeto e convivência, como caminho para o tratamento das doenças mentais.

Iniciei um mergulho arte científico no *Hotel da Loucura*, me propondo a participar da residência artística, com o objetivo de vivenciar a experiência como atriz-aprendiz colaboradora, concomitantemente ao período que cursava a Especialização em Ciência, Arte e Cultura na Saúde, no Instituto Oswaldo Cruz – IOC, pesquisando e refletindo referenciais do curso e a práxis deste projeto, em busca de uma metodologia em saúde mental, coletiva, comunitária, pública. O objetivo principal dessa pesquisa é produzir um livro.

Palavras-chave/ Ideias-força:

Educação / Vivência / Experiência / Afeto Catalisador / Cuidado/ Biocentrismo / Inconsciente Coletivo/ Criação / Solidariedade / Cultura Popular/ Educação Popular/ Incompletude / Valorização do Outro e da Outra / Alteridade (respeito às diferenças e semelhanças)

ABSTRACT

The *Hotel da Loucura* [“Hotel of ‘madness’” - Hotel for mental health patients](2009-2016), a project conceived by the doctor and actor Vitor Pordeus, at the Nise da Silveira Municipal Health Care Institute, popularly known as the Engenho de Dentro hospice, in Rio de Janeiro, Brazil, develops an initiative for a mental health promotion that can develop perspectives for communal health and reflections for science based on cultural expression.

Pordeus' project, based on the history of the art of healing, since its ancestral origins, finds an “Open University” whose principles of knowledge generation are established in popular culture and education, which are mainly linked to Nise da Silveira's therapeutics (1905-1999), Brazilian psychiatrist, who indicated expressive therapy in an environment of affection and coexistence, as a way to treat mental illnesses.

I started a scientific art dive at *Hotel da Loucura*, proposing to participate in the artistic residency, aiming to live the experience as a collaborative apprentice-actress, concurrently with the period that I was following the Specialization in Science, Art and Culture in Healthcare practices, at the Oswaldo Cruz Institute – IOC, researching and reflecting on the course's references and the praxis of this project, investigating a methodology in mental, communal and public health. The main objective of this research is to produce a book.

Keywords:

Education / Experience / Catalyst Affection / Care / Biocentrism / Collective Unconscious / Creation / Solidarity / Popular Culture / Popular Education / Incompleteness / Valuing Others / Otherness (respect for differences and similarities)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
OBJETIVOS.....	7
MINUTA DO LIVRO.....	9
Aprendendo a Aprender.....	9
Onde tudo começou: Emoções de Lidar.....	16
A loucura abala os alicerces da razão: Reforma Psiquiátrica.....	19
Nise da Silveira: A rebelde!.....	22
Engenho de Dentro Pra Fora.....	30
O comportamento é o que guia a evolução.....	41
Loucura sim! Mas tem seu método.....	43
Resultados – Observações sobre a práxis.....	52
Considerações Finais.....	55
Referências Bibliográficas.....	59

INTRODUÇÃO

Desde o princípio dessa jornada, assumi o papel de uma feiticeira, alquimista. Parti em busca e segui o caminho que tem coração.

Sou atriz e pedagoga, brasileira nascida em 1983, criada na região metropolitana do Estado de São Paulo, uma das dez regiões metropolitanas mais populosas do mundo, no subúrbio da cidade de Santo André. Concebida pela amálgama do povo do nordeste com imigrantes europeus. Ancestralmente agricultora.

Na caótica adolescência, fui acolhida pelo Centro de Referência da Juventude de Santo André, onde fazia parte do núcleo de oficinas de Teatro do Oprimido¹ e, a posteriori, pela Escola Livre de Teatro² para, então, me formar atriz.

A arte como método para expressar os sentidos da leitura que faço do mundo, logo despertou a possibilidade de experimentar a vida intervindo na cultura³ cotidiana, criando espaços de movimento e atuação, de acolhimento e de inclusão, de liberdade em coletividade, reflexão e aprendizagem, perpassando por vivências que indicavam um caminho de descoberta da biologia humana através da organização coletiva, da cooperação e da manifestação, caminho este que se tornava capaz de mudar, substancialmente, os modos de viver, construindo pontes para saídas inéditas e viáveis⁴. Freire destaca que essas saídas muitas vezes não são acessadas, pois permanecem encobertas por situações limites que nos forçam a adaptações que impedem que as transformações inéditas se viabilizem:

Os temas se encontram encobertos pelas “situações-limite” que se apresentam aos homens [e mulheres] como se fossem determinantes históricas, esmagadoras, em face as quais não lhe cabe outra alternativa, senão adaptar-se. Desta forma, os homens [e mulheres] não chegam a transcender as “situações-limites” e a descobrir ou a divisar, mais além delas e em relação com elas, o inédito viável”. (PAULO FREIRE. 1975, pg. 110)

¹ O Teatro do Oprimido (TO) é uma metodologia criada pelo dramaturgo e diretor de teatro Augusto Boal nos anos de 1960, que pretende usar o teatro como ferramenta de trabalho político, social, ético e estético, contribuindo para a transformação social.

² A Escola Livre de Teatro de Santo André (ELT) é referência na formação teatral, internacionalmente reconhecida pelo seu método inovador e pioneiro de trabalho, embasado na pedagogia da autonomia de Paulo Freire, na gestão coletiva e no processo de criação colaborativo, questões estas que influenciaram diretamente no modo de trabalho dos grupos de teatro paulista, conhecido como “Teatro de Grupo”.

³ Segundo o educador Paulo Freire, fazer cultura implica aprender a expressar “uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época” (Educação como Prática da Liberdade, 1980, pg.44).

⁴ Paulo Freire criou e usou pela primeira vez esta palavra/ categoria na *Pedagogia do Oprimido*. O inédito-viável é uma palavra-ação, portanto práxis. Epistemologicamente empregada por Freire para expressar, com enorme carga afetiva, cognitiva, política, ética e ontológica, os projetos e os atos das possibilidades humanas. O inédito-viável nos diz claramente que não há o reino do definitivo, do pronto e acabado, ele se nutre da inconclusão humana, não tem um fim, um termo definitivo de chegada.

Assim, a afirmação de uma atitude cultural fundamentada na manifestação artística coletiva se revelou mais que um potente instrumento de autoconhecimento, relação e comunicação, indicou uma ação pedagógica que apontava um universo em expansão rumo a apreensão do “inédito viável”. Essa foi, pra mim, uma grande descoberta para o campo da saúde mental.

A seguir, me formei pedagoga e fui trabalhar em territórios vulnerabilizados com ações educativas que oportunizavam o acesso à arte como forma de produção de conhecimento.

Sendo eu uma cientista popular de nascença, tendo a ciência como atividade cotidiana na paixão por observar e explicar, tendo o desejo de reflexão sobre o que fazemos; ou sendo eu apenas uma curiosa que deseja intervir no mundo, de dentro para fora, interessada no desenvolvimento humano, nunca parei de pesquisar, os conteúdos sempre estiveram ligados ao conhecimento produzido por movimentos e grupos culturais constituidores do povo.

Na perspectiva de um caminhar unindo a arte e a educação, fazendo ciência e promovendo saúde mental sem saber, mas sentindo, é que fui construindo meu percurso profissional, de relação, de organização, e de evolução.

Durante esse trajeto, mais precisamente em 2013, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, conheci o projeto do médico e ator Vitor Pordeus, denominado *Hotel da Loucura* (HL), que se tornou um importante espaço de formação para mim.

O HL era um projeto desenvolvido no formato de ocupação dentro de um complexo hospitalar psiquiátrico em desmonte.

Frequentemente eu, que vivia em São Paulo, me deslocava até o Rio de Janeiro para participar dos cursos gratuitos em psiquiatria e psicopatologia, oferecidos pelo médico-ator idealizador do projeto, para toda a comunidade. Havia também, atividades como teatro, música, saraus, exposições, mostras de cinema, viabilizadas gratuitamente pelo corpo coletivo que ocupava o espaço como artistas residentes colaboradores do projeto de Pordeus.

Participavam do HL estudantes, pesquisadores e profissionais de diferentes áreas, artistas, curiosos, pacientes psiquiátricos usuários de diferentes serviços públicos de saúde da cidade, e usuários em tratamento no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro⁵, onde o HL tinha sua sede.

A convivência diversa era um aspecto fundamental para a produção de arte e ação pedagógica a que se propunha o projeto de Pordeus, e avançava para construção de uma metodologia popular, comunitária, de educação e promoção da saúde.

⁵ Hospital Psiquiátrico Pedro II, atualmente Instituto Municipal de Assistência à saúde Nise da Silveira.

Em 2015, na Itália, tive a oportunidade de conhecer o antigo hospital psiquiátrico Paolo Pini⁶, onde o manicômio foi convertido em centro social de cultura e desenvolvimento local. Foi então que percebi a semelhança com o projeto de Pordeus, e a possibilidade de avançar com as ações do HL como metodologia em saúde mental.

Em 2016, me debrucei na pesquisa de arte e cultura na saúde, iniciando o curso de especialização da FIOCRUZ, pelo Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos – LITEB, e inseri-me na experiência de residência arte científica no HL.

Desde então, num grande caldeirão juntei os ingredientes de uma poção epistemológica: saber-de-experiência-feito; curiosidade no desenvolvimento humano; um longo período de observação, interação e participação no HL; disciplina e autocontrole; escuta sensível; reflexão, dinamismo, flexibilidade, prazer e criatividade; e o estudo de autores-chave que fundamentam as práticas do projeto de Vitor Pordeus: Willian Shakespeare, Amir Haddad, Antonin Artaud, Bertold Brecht, Eurípedes, Baruch Spinoza, Nise da Silveira, Paulo Freire, entre outras leituras. Deixei maturar enquanto fazia outras coisas que foram “engrossando o caldo” a necessidade de produzir esse trabalho: me mudei para o Ceará, fui viver em uma vila comunitária de artistas populares, Vila de Poetas Mundo⁷.

Fiz cenas e poesias nas praças públicas; ministrei cursos e oficinas de teatro vinculadas à promoção de saúde; desenvolvi formações, a partir desta experiência, com redes de atenção à saúde; fui aprender sobre as práticas integrativas e complementares de saúde e medicina ancestral no projeto de extensão universitária da médica e atriz Vera Dantas, Ekobé⁸, na Universidade Estadual do Ceará; fui convidada para atuar no CAPS⁹, cogerido pelo

⁶ O antigo hospital psiquiátrico Paolo Pini, fechado em 1999, hoje é um importante centro social de cultura e desenvolvimento local. De caráter multissetorial, abriga horta livre, oficinas de pintura, oficinas de teatro, atividades esportivas, espetáculos teatrais, festivais de arte, bar, restaurante e hostel, em uma combinação de participação e reabilitação de sujeitos em sofrimento psíquico.

⁷ A Vila de Poetas Mundo tem como centralidade a estruturação de um universo cultural de aprendizagens e cuidados. A espiritualidade, a ação em rede, as práticas solidárias de economia e da agroecologia regem o exercício contínuo de autoconhecimento, interagindo com arte a fim de existir de forma cada vez mais aberta, criativa, amorosa e responsiva.

⁸ O Espaço Ekobé é gerido coletivamente por atores dos movimentos e práticas populares de saúde de Fortaleza, Ceará, os quais construíram coletivamente, inclusive seu espaço físico, de forma solidária e sustentável referenciado na permacultura e na educação popular. Foi estruturado com a perspectiva de promover diálogos entre os saberes acadêmicos e os gestados nas experiências de movimentos populares. A ação solidária e cooperativa que se faz no Ekobé desencadearam movimentos de aproximação com os conteúdos temáticos de disciplinas integrantes dos cursos da área da saúde na graduação e pós-graduação, bem como com os processos de educação permanente desenvolvidos nos serviços de saúde de Fortaleza e movimentos populares.

⁹ Os Centros de Atenção Psicossocial – Sistema Único de Saúde (SUS), são unidades de atendimento intensivo e diário aos portadores de sofrimento psíquico grave, constituindo uma alternativa ao modelo centrado no hospital

Movimento Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim¹⁰, como artista terapeuta; entre outros convites para estar em Portugal no Encontro Internacional de Reflexões sobre Práticas Artísticas Comunitárias - EIRPAC, e na Argentina, junto a Rede de Popularização da ciência e da tecnologia na América Latina e Caribe – Red Pop Conexiones, dialogando a respeito da inspiração que tece esse trabalho.

Era “um olho no peixe e outro no gato”, como diz o ditado popular, com cuidado para não perder o ponto e estragar.

Este trabalho de conclusão de curso se destina a apresentar minha experiência se propondo a investigar a potência do método do *Projeto Hotel da Loucura* na promoção da saúde da comunidade participante. A perspectiva é elaborar possíveis reflexões enquanto mecanismo-gerador de novos horizontes, que possam contribuir com a inspiração necessária para práticas exitosas que reúnam arte, convivência e saúde mental.

A expectativa é que a narrativa dessa experiência seja alento para ações criativas, entusiasmadas, proativas, educativas, formativas, esperançosas, criadoras de possibilidades, para produzir um resultado dialógico, poético, que circule, seja cirandeiro, autopoietico¹¹, que contribua para o desenvolvimento, sobretudo, comunitário, e liberdade.

Este também se propõe a ser um documento cultural histórico, de um movimento que ganhou visibilidade não apenas na cidade do Rio de Janeiro, que se tornou referência em diferentes continentes como espaço de repercussão dos ensinamentos de Nise da Silveira, psiquiatra alagoana referência de luta na humanização da psiquiatria, que trataremos mais a frente. O HL, entre 2009 e 2016 mobilizou pessoas de diferentes lugares do mundo, com formações diversas, e múltiplas maneiras de atuar na produção artística e no trabalho em saúde. Porém com uma semelhança, os participantes deste projeto estavam em busca de colaborar coletivamente com uma proposta de saúde coletiva emancipadora.

A linguagem autêntica, pessoal, comprometida, não se presta apenas a meus pares na academia, mas a todos que gostam de boas histórias. Costurada por imagens e poesias que

psiquiátrico. Permitem que os usuários permaneçam junto às suas famílias e comunidades num dispositivo de cuidado intensivo, comunitário, personalizado e promotor de vida.

¹⁰ Movimento de Terapia Comunitária, práticas integrativas de saúde, e acompanhamento psiquiátrico para famílias em condições de extrema pobreza de Fortaleza, Ceará. Organizado por Missionários Combonianos e lideranças locais em parceria com a Universidade Federal do Ceará.

¹¹O termo Autopoiese foi criado pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela que, com interesse centrado no humano, consideram que há uma circularidade essencial na natureza dos sistemas vivos, que na constituição de seus componentes, são rigorosamente interconectados e mutuamente interdependentes.

fazem parte da metodologia pedagógica do HL, articulando o que é popular, a saúde como rito coletivo, a arte pública, e a minha vivência da experiência.

Uma narrativa própria, apropriada, encarnada, que mantém a pulsão criativa e se lança rumo à consciência.

Inspirada pelos conteúdos chave do curso de Ciência, Arte e Cultura na Saúde do Instituto Oswaldo Cruz: ciência e arte; arteducação; diversidade na educação; educação popular, cultura e saúde; promoção da saúde; relação, espaço, objeto, ensino e saúde, que me instrumentalizaram a elaborar reflexões através do estudo da prática, revelando o conteúdo, produzindo resultados nos domínios da arte e da ciência, que pactuam com a noção de que emoção e razão podem tecer redes de saberes, e a curiosidade humana, sendo tratada de modo integrado, pode explicar os fenômenos da vida pela expressão de diferentes linguagens.

Segundo a médica e pesquisadora da FIOCRUZ, Tânia Araújo-Jorge:

A arte não torna apenas mais belas as coisas, apesar disso frequentemente acontecer. Os artistas fazem descobertas sobre a natureza diferentes daquelas que fazem os cientistas. Mas tanto os artistas como cientistas ajudam o público a notar e a apreciar as coisas da natureza que aprendemos a ignorar ou que nunca nos ensinaram ver. Tanto a arte como a ciência são necessárias para o completo entendimento da natureza e de seus efeitos nas pessoas. (ARAÚJO-JORGE, 2004, pg.2).

A resposta da jornada dessa experiência, ou a maior contribuição deste trabalho de conclusão do curso que funde os caminhos da ciência, com a arte e a cultura, na promoção da saúde, está sendo a transformação na minha expressão enquanto atriz e a mudança no modo de pensar conhecendo a minha possibilidade de produzir conhecimento científico.

Artista envolva-se com a ciência, ela precisa de você para se apoderar de informações valiosas que estão escondidas do cidadão, e cientista, envolva-se com a arte, ela pode te ajudar a ver o mundo de uma forma mais ampla e te desenterrar da cova da especialidade que obscurece sua visão sobre o mundo. (PORDEUS, 2007, pg.5).

Pesquisar fora é pesquisar dentro.

Como sair do subúrbio de São Paulo, de uma família que não teve acesso ao que pude desfrutar, mas lutou para que aqui eu estivesse estudando como redenção e guinada. Como um espiral o fim parece o começo, aponta o recomeço, pois move o futuro por meio do caráter propositivo que este trabalho adquire.

Esse texto é a escrita de mim mesmo. O abraço da minha experiência entre o popular e o acadêmico, a arte e a ciência, possibilitando um novo agir cultural devotada a produzir conhecimento sobre a natureza humana e a saúde.

Figura 1 - Danielle Bargas no ensaio do espetáculo Deus e o Diabo na Terra de Fausto, Teatro de DyoNises.



Fonte: Arquivo Teatro de DyoNises, 2015

Saudações!
Danielle Oliveira Bargas.
Primavera de 2018.

OBJETIVOS

Geral

- Dar visibilidade e comunicar a metodologia do *Hotel da Loucura*, inspirando experiências criativas para a promoção da saúde mental e propondo novas reflexões para a produção científica.

Específicos

- Produzir uma narrativa a partir da minha experiência no Hotel da Loucura;
- Criar a minuta de um livro.

“Parto continuamente
Parto da poesia – angústia,
saudade,
prazer, alegria –
o que é para ser de infinitos renasceres.

Parto
De visões sentidas.
Parto da vida.

Parto como vim
Sem sofisticagem
de um ser que era
para ser que sou
de um suficientemente incompleto
para outro
sempre será sendo.

Parto do que vi e não vi
do que fui e não fui
do que pude e não pude
do que li e não li
do que preciso conhecer para ser.

Parto do topo da arte –
desta razão de ser
(de algum começo com nenhum
ou talvez algum fim)”.
Parto. Ray Lima, 2009.

MINUTA DO LIVRO

APRENDENDO A APRENDER

“Fique a vontade e vá perguntando”.

Frase escrita na porta de entrada do Hotel da Loucura.

Sou uma “aventureira”. Uma aventureira curiosa e criativa. Todo ser humano é. E o viver é conhecer e o conhecer é viver.

O mestre Paulo Freire também se denominou aventureiro na obra *Pedagogia da Autonomia* quando falava que ensinar exige consciência do inacabamento, predisposição à mudança, à aceitação do diferente ante aos outros e ao mundo. Aventureira é a maneira como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento. “O inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (FREIRE, 1996, pg.55).

Aprendemos o tempo inteiro, basta ter um olhar atento e observar. Por isso, um projeto como o HL, que favorecia o encontro para relações criadoras de universos criativos, por meio das trocas de saberes, que oportunizavam possibilidades de aprender a aprender, de experimentar-se artisticamente, de conviver com a diversidade, e de se responsabilizar por uma proposta coletiva, foi fundamental para compreender uma metodologia pedagógica com viés comunitário de desenvolvimento humano, através da promoção de saúde mental.

“Arte e ciência juntas a favor da vida, da natureza e da humanidade. Ética e estética, honestidade e beleza”, afirma Vítor Pordeus, idealizador do *Projeto Hotel da Loucura*.

Diante do panorama brasileiro que observo, posso perceber uma nação carregada com os traumas históricos da colonização; um país abundante em recursos naturais, explorado economicamente; com educação voltada à barbárie, movida pela competição genocida, com níveis crescentes de suicídio, homicídio e síndromes psiquiátricas; tendo o bem estar social e a democracia como realidades distantes. Grande parte da população está excluída de condições dignas de vida, em situações sanitárias medievais. Os hospitais, na sua grande maioria, partem de um modelo falido centrado apenas no saber médico, o acesso a exames é lento e o atendimento precário.

A indústria farmacêutica e tecnológica tem grandes lucros, e controla a inteligência científica. O conhecimento da saúde focado na doença é negligente com a biologia do viver.

E neste contexto histórico, que é o meu contexto de vida, eu adoeci. Eu mulher brasileira, atriz e pedagoga, manifestei sintomas de depressão e ansiedade, com pensamentos suicidas.

Foi assim que encontrei o HL, e vi que a possibilidade da expressão dos usuários do serviço de saúde pública onde o projeto fazia sede, indicava um caminho que revelava a necessidade e experiências culturais e espirituais para a cura¹², com aproximação da cultura popular e do conhecimento das tradições.

Por isso faço teatro, porque vejo possibilidade em travar debate através das ideias, colocar o conhecimento em movimento, discutir sobre a verdade num ambiente que seja livre, aberto, público, popular. Para falar a língua do povo, e quando falo a língua do povo – cantando, dançando, contando histórias, dizendo a elas que é totalmente possível conhecer, que 99% dos nossos problemas de saúde pública já têm soluções conhecidas – sinto que de alguma forma estou retornando à figura do médico medieval, do pajé, do curandeiro, retornando a arte de curar tão antiga quanto à humanidade e esquecida em nossa recente medicina tecnológica, tão fundamental ao ato de cuidar. (PORDEUS, 2007, pg.6)

Observar as práticas do HL dentro do hospício do Engenho de Dentro, na perspectiva de compreender como eram criadas condições favoráveis para o desenvolvimento humano de pessoas com graves sofrimentos mentais, no meio da crise dos serviços de atenção à saúde mental, dos pacientes psiquiátricos e da sociedade capitalista, significava lançar luz à minha potência de agir, portanto me curar, antes de qualquer coisa, e conhecer uma medicina de promoção e restauração de saúde mental.

A cura se torna diálogo entre pessoas, cujas palavras, porém, não se referem a um saber acadêmico, a uma metalinguagem, e sim a um saber prático próprio da subjetividade das pessoas. A cura, mais do que uma tomada de consciência, é uma pesquisa que se funda no exercício de um poder social reconhecido ao paciente e experimentado em concreto no dia-a-dia. (VENTURINI, 2010, pg. 144).

Logo fiquei interessada em compreender as práticas que, comprometidas com a ação, afirmavam um fazer cultural libertador, com uma atitude de reciprocidade na fala e na escuta, permeadas por diálogos fundamentados no amor, na humildade, no acolhimento, no vínculo e na esperança. E assim, colaboravam para a autonomia de pacientes em sofrimento psíquico

¹² Cura etimologicamente significa solicitude para com alguém ou alguma coisa. “Implica uma relação de participação e de solidariedade com a pessoa cujas capacidades existenciais e sociais sejam reduzidas. Cura indica também o conjunto das ações, das prescrições, que se implantam para resolver um sofrimento”. (VENTURINI, 2010, pg. 141).

Vitor Pordeus (2007) afirma que cura é o aumento da possibilidade de ação, e que quanto mais conhecermos a biologia imanente, inerente ao ser, mais conheceremos os aspectos da natureza, e viveremos em harmonia. “Essa é a vida de prazer, de conhecimento, de conexão”.

No sentido spinoziano a definição de cura está para a compreensão da vida com alegria e clareza. Onde todas as ações são dirigidas para esse fim.

severo, diagnosticados incapazes, e enclausurados para tratamento onde o HL atuava de forma a expandir relações, permitir a manifestação das dores da alma, afetar e se deixar ser afetado, cuidar, conviver e acessar outras maneiras de convívio mediados pela arte, que unia e organizava diferentes pessoas de forma que estávamos todos nos curando e nos desenvolvendo.

Para tanto percebi que era preciso participar, fazer junto: co-laborar¹³.

Segundo Freire (1975), co-laborar “é uma práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.

Desde que conheci o projeto de Pordeus, em 2013, minha estratégia de aprendizado era observar para participar. Esse método permitia que eu ganhasse intimidade e envolvimento com o grupo e suas práticas. Mais tarde descobri que a “observação participante” é um tipo de coleta de dados utilizada na etnografia. Um dos precursores do método foi o Joseph-Marie de Gérando, também precursor da antropologia, o qual já afirmava que “o jeito principal de conhecer é se tornar um deles”.

Integrar-me à comunidade do HL, também simbolizava ampliar meu repertório de ações e emoções, em busca de uma linguagem para minha própria expressão, com o desafio de me adequar às características e necessidades do grupo e manter o espírito crítico e investigador.

Em 2016, quando iniciei a residência arte científica, a proposta era de contribuir para a elaboração de um espaço antimanicomial, afirmando a importância da cultura, da educação popular, e da arte pública na promoção da saúde, através do desenvolvimento de linguagens artísticas.

Durante aproximadamente cinco meses, eu vivi em um quarto de uma antiga enfermaria desativada no hospício do Engenho de Dentro, complexo hospitalar que remonta ao ano de 1911, em um prédio que alojava outras enfermarias psiquiátricas ainda em funcionamento. O amplo quarto de número sete, com grades reforçadas nas janelas, que revelam a história do tratamento psiquiátrico, tinha três camas, para amigos que eventualmente viessem me fazer companhia, e um ventilador de chão para suportar o calor do verão carioca. Uma estante aonde eu ia amparando livros e textos, um guarda-roupas com minhas poucas roupas, figurinos de teatro e produtos de higiene. Um altar improvisado, onde se estruturavam alguns símbolos pessoais de força, amor e coragem dialogando com elementos da natureza, e outros objetos afetivos. Uma escrivaninha para meus estudos foi improvisada. Na parede, fotos de

¹³ A Teoria da Ação Dialógica do educador, pedagogo e filósofo brasileiro Paulo Freire (1975) tem como características a co-laboração, a união, a organização e a síntese cultural. Nessa teoria, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em co-laboração. É importante salientar que, a co-laboração somente pode realizar-se na comunicação, portanto é o diálogo que funda a co-laboração.

entes queridos junto com a poesia do mestre da cenopoesia, ator e educador popular, Ray Lima:

“O tempo o tempo todo está chamando
o ser a se refazer de si,
de sua condição servil, apequenada
e fragmentada, de seus pedaços
desconectados, desarticulados,
cristalizados de ser.

Às vezes, se consegue tais superações sob o signo de dores profundas, de sacrifícios até. Mas logo é tempo seguido de certa sensação emancipatória, de libertação e prazer imensurável.

Cada célula que surge revela novas ciências do ser, novos contextos a amanhecer.

O mundo muge por seus saberes e linguagens (nascentes e remanescentes).

E, assim, reorienta os sentidos que se acham sem direção, requerendo reformulação dos caminhos a seguir – encruzilhadas onde se tomam decisões – ali no entre de si dos seres e seu

existir, em diálogo com o indecifrável e indizível,
desafiando o ser do próprio ser;
do saber posto ao deposto,
do passado e concebido
ao completamente desconhecido,
el devenir.

Nascemos e renascemos, aprendemos a nos reinventar quando interagimos com o outro e seus movediços universos”.

Florescer Poético. Ray Lima, 2016.

Aos poucos, conforme os dias foram passando, e a realidade do hospício vez ou outra atravessava o cotidiano das minhas emoções, foi importante trazer símbolos que rememorasse minha casa, para que as imagens vividas pelo pátio e corredores do complexo, que me faziam pensar que eram muito semelhantes à de um campo de concentração em fim de guerra, pelas características de segregação, o rígido controle do direito de ir e vir, pouca higiene, gritos de terror e sofrimento, entre outras, não dominassem minha mente.

No HL, a saúde começava a ser produzida a partir das modificações no espaço que simbolizavam modificações nas condições culturais. Havia poesias por toda parte, cores, formas, texturas, tecidos, muitas cores, desenhos e palavras estampadas nas paredes, geradoras de afetos, que enchiam os olhos e corações. Era possível entender o que acontecia

naquele espaço só de observar como ele era elaborado esteticamente, e as relações pareciam ser encantadas por aquelas expressões de maneira que se guiavam por elas.

Vitor Pordeus elucidou que a proposta de um ambiente cultural afetivo não era meramente coincidência nos efeitos de promoção de saúde mental, era método, que Nise da Silveira já fazia quando desenvolvida um ambiente de afeto e de convivência em meio a natureza para pintar com seus pacientes.

Duas vezes por semana, eu passava todo o dia na FIOCRUZ para as aulas do curso que apresento esse trabalho de conclusão, nos outros dias eu fazia parte das atividades do HL.

Nós, artistas e coletivos residentes, internos e funcionários que atuavam naquele serviço, cuidávamos do espaço, propúnhamos atividades, preparávamos refeições, recebíamos grupos de estudantes e pesquisadores visitantes para atividades de intercâmbio, e participávamos dos cursos oferecidos por Pordeus, das oficinas de ação expressiva e dos círculos de cultura¹⁴ do coletivo. Também me tornei atriz do grupo de teatro nascido no HL, “Teatro de DyoNises”, com ensaios e apresentações regulares.

Nesse contexto, fui aprendendo outras formas de linguagem e a representar novos papéis dentro do grupo.

Para tecer essa narrativa foi necessário dançar ciranda, entrar em cena como atriz de conteúdos humanos, improvisando, manifestando meu repertório pessoal, minha história e minha maneira de sentir, aprendendo com a comunidade do HL a dialogar, conhecer, unir, harmonizar, cooperar, construir junto algo de bem maior, em busca da experiência de totalidade.

Convivendo no HL, me deparei com o teatro como linguagem brincante que mediava o encontro para produzir vínculos, cuidado e afeto. Neste sistema cultural, que se propunha a promover saúde, restaurava-se o sentido ancestral de cada sujeito participante através de práticas coletivas ritualísticas, ocupando espaços para cantar, dançar e dialogar através de cenas teatrais, reestabelecendo a colaboração e a relação comunitária criativa como eixo norteador, abrindo rodas que sugeriam uma ação pedagógica capaz de favorecer experiências culturais de aprendizagem coletiva a partir da produção de símbolos.

A origem desse trabalho em saúde e suas raízes teóricas serão contadas a seguir.

¹⁴ Experiência vinda seja da psicoterapia, seja de trabalhos com comunidades, de ação social, vividas entre o círculo e a equipe com um forte ênfase sobre a participação consciente, co-responsável e ativamente voluntária, proposta pelo educador Paulo Freire, servindo a projetos sociopolíticos e culturais. Essas experiências guardam em comum um desejo de dissolução dos modelos hierarquizados substituindo-os pela democratização da palavra, da ação e da gestão coletivizada e consensual do poder.

Breve relato de um estudante de medicina sobre o Hotel da Loucura

“Já faz quase uma semana que estou hospedado no Hotel da Loucura. Escrevo de uma antiga sala de prescrições médicas, hoje transformada em biblioteca. Baruch de Spinoza, Nise da Silveira, Humberto Maturana, Antonin Artaud e outros nos fazem companhia. As cores nas paredes são fortes, um amarelo girassol, roxo e azul que dialogam, que gritam e recitam. Flores naturais, flores pintadas, panos floridos, mandalas, escritos pela parede. O colorido surreal das instalações salta sobre o espírito, espalha segredos entre os sentidos de todos. Nas paredes as manifestações de inúmeros visitantes deste abrigo de lúcidos. Tem-se a impressão de que, a qualquer momento, tudo explodirá em labaredas de luz e gente. E é, de fato, o que acontece.

Enquanto escrevo, Pelezinho, morador e artista de rua, joga damas ao meu lado, e sonha cantar na rádio. É compositor, poeta, crooner, jogador de embaixadinhas, cozinheiro, showman, xamã. É um dos que habitam esta casa de homens e mulheres, de crianças e animais, de deuses e maltrapilhos. A casa é nossa, e é familiar a todos, porque ao atravessarmos a porta onde se lê “Entra e sai perguntando”, não entramos apenas na ocupação física, que resiste à impunidade das violências legalizadas com purpurina e carnaval. Ao passarmos pelo saguão de recepção da loucura, entramos no Homem, e essa é nossa morada eterna. A verdade é que sempre estivemos neste hotel, e nunca o deixaremos. Estas paredes apenas revelam as paredes de nosso espírito, os moldes da psique. Não à toa tantos arquétipos nos devoram o tempo inteiro: o bico de um pássaro pintado sob a janela, o amor escrito em uma mandala perpétua, a dança imanente revelada nos batuques, os demônios e os anjos que superaram as diferenças mesquinhas e hoje são apenas natureza.

Considero este meu ritual de passagem para a arte da cura. Em breve serei médico, terei diploma, terei código e carimbarei doenças. Meu Deus, a medicina moderna é uma doença venérea. É egolatria das gônadas, sem nenhum Eros, não dança nem conhece Dionísio. E ri-se a plenos pulmões do que desconhece, com seu pau murcho e suas costas arqueadas. Aqui, entre os loucos, aprendo Amor, aqui sou aprendiz dos xamãs e dos poetas, aqui faço ciência, cada vez mais alucinado pela plenitude dos mistérios. Este assombro tem o conforto de um abraço, é um alívio poder desconhecer e suspirar deslumbrado: meu Deus!

Aqui não há rei, e Deus está nu. Aliás, Deus convulsiona, Deus mora na rua e faz embaixadinha, Deus usa crack e quer parar, Deus está amarrado em sua cama e grita a noite inteira querendo sair, Deus foi internado há trinta anos, Deus não tem uma perna, Deus usa

peruca para poder ser Três e Um ao mesmo tempo, Deus fuma e dá esculacho, Deus invade mansão de rico, Deus sabe uns poemas que recita de cor, Deus dá cantada na morena, Deus dá cantada na loirinha, Deus é doçura e dor, escravidão e açúcar de Engenho de Dentro. E, sobretudo, Deus dança, Deus dança o tempo inteiro, dentro e fora do hospital, cirandando, dentro e fora do corpo, cirandando, Deus dança e se revela tão simples que dá susto, e depois faz gargalhar gostoso.

Rogerinha dá um sorriso magro e na minha cabeça floresce novo canavial. Meu Engenho de Dentro canta seus cantos de liberdade: levanta, povo, cativo se acabou.”

Vitor Nina, estudante de medicina e ator.

Figura 2 – Vitor Nina, cortejo público. OcupaNise, 2013.



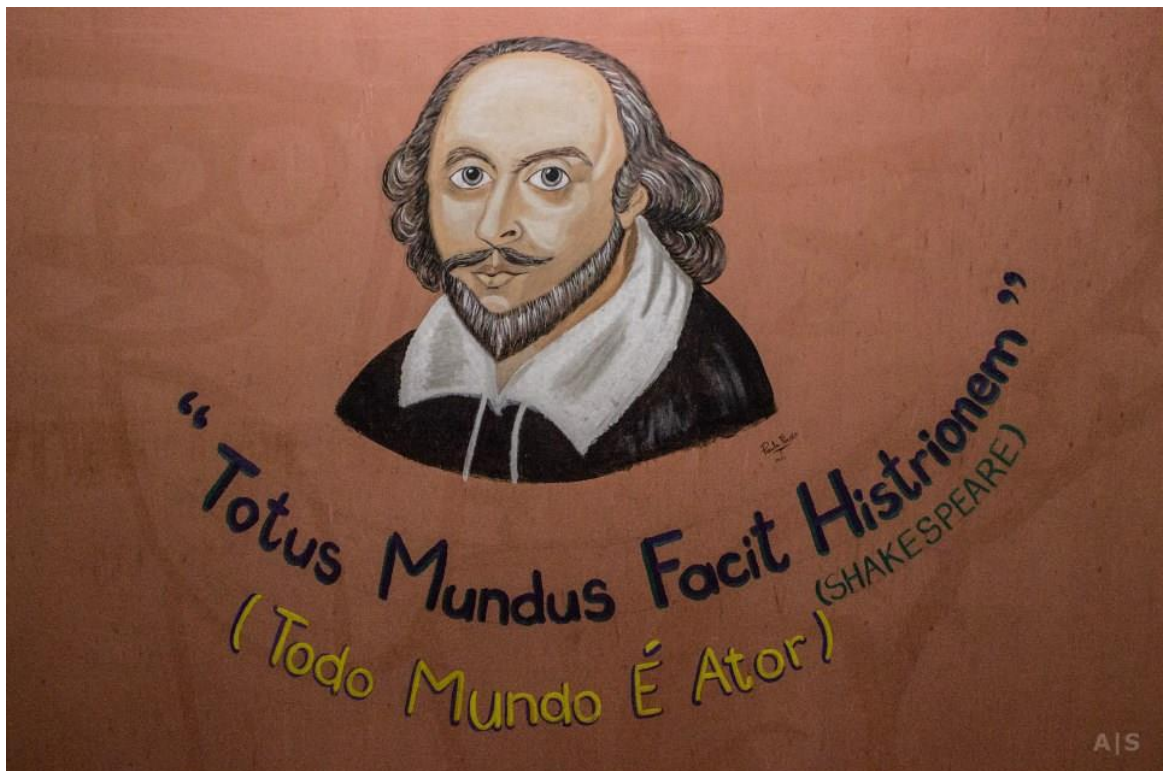
Fonte: Arquivo Hotel da Loucura. Foto de Ratão Diniz.

ONDE TUDO COMEÇOU: EMOÇÕES DE LIDAR

“O sonho da razão produz monstros
 O sonho da razão produz monstros
 No início é o verbo?
 No início é profecia?
 No início é energia?
 Não!
 No início é ação.
 No início é ação.
 Ser ou fazer, eis a questão
 O sonho da razão produz monstros”

Cantiga do Teatro de DyoNises. Espetáculo Deus e o Diabo na Terra de Fausto, 2016.

Figura 3 – Pintura de William Shakespeare na entrada do Hotel da Loucura, 2013.



Fonte: Arquivo Hotel da Loucura.

A Organização Mundial da Saúde se refere à saúde como um estado de completo bem-estar físico, psíquico e social (OMS, 1946). O conceito de saúde mental é amplo, e nem sempre de fácil definição, ou identificação daquilo que a determina.

Segundo o portal Observatório do Brasil sobre Iniquidades em Saúde¹⁵, de 2018, os determinantes da saúde são fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos, psicológicos e comportamentais que influenciam na ocorrência de problemas e fatores de risco na população. Popularmente, a ausência da saúde mental ou o sofrimento da mente é visto como loucura ou emoções descontroladas, que são sentimentos desagradáveis que podem afetar severamente o nível de funcionamento do organismo como um todo.

Quando nos relacionamos com estes sentimentos percebendo-os como uma experiência ampla e variada, compreendemos que há formas diversificadas e relativas de concebê-los a partir de diferentes grupos sociais, que possuem linguagens particulares para defini-los. Isso porque é possível notar que existem inumeráveis práticas culturais e linguagens sociais que constituem códigos que regulam a relação com os outros e com a participação social.

Algo que foge a compreensão da conduta normativa, então se apresenta como a perda de um sentido, e pode ser sentida como uma ameaça à própria identidade onde não é possível encontrar uma linguagem capaz de defini-lo.

Mesmo diante de avanços e das tentativas de se querer situar a loucura no campo das doenças orgânicas e de tentar concebê-la sob o prisma da subjetividade, nenhuma dessas visões foi suficiente para quebrar o estigma que acompanha o louco. Estigma este que o faz ser percebido como o insensato, como uma pessoa não merecedora de crédito.

Antonin Artaud (2000), durante sua internação no asilo de alienados de Rodez, na França, alguns meses antes do seu suicídio, questiona a sociedade em seu texto sobre Van Gogh, referindo-se ao artista como “um homem que preferiu ficar louco, em vez de trair sua própria ideia de honra humana”. E denuncia que “o louco é o homem que a sociedade não quer ouvir e que é impedido de enunciar certas verdades intoleráveis” (2000, pg.49).

As primeiras ações de saúde pública implementadas pelos governantes no Brasil, foram executadas no período colonial com a chegada da família real, e tinham como projeto institucionalizar o setor da saúde. Neste período, o povo brasileiro constituía-se de portugueses, outros imigrantes europeus e, principalmente, indígenas e negros escravizados. Cada um desses grupos detento de uma cultura própria, costumes e tradições e um conhecimento, também próprio, acerca das doenças e formas de tratá-las.

No mesmo ano da chegada da família real (1808), foi inaugurada a primeira faculdade de medicina a fim de normalizar a prática médica em conformidade com os modelos europeus, que resultou no controle das práticas populares, e a constituição de hospitais públicos para

¹⁵Dados disponíveis em: <http://dssbr.org>

atender doenças consideradas nocivas à população e de necessário controle do estado, como também eram vistas as doenças mentais. Em 1852 foi inaugurado o primeiro hospital psiquiátrico brasileiro com o objetivo de tratar medicamente a loucura. Denominado Centro Psiquiátrico de Pedro II, em homenagem ao príncipe regente que nesse mesmo dia foi sagrado e coroado como Imperador do Brasil.

No século XVII os manicômios abrigavam além dos doentes mentais também os demais marginalizados da sociedade. “Nesse período, o interesse pela saúde e pela regulamentação da prática profissional esteve relacionado ao interesse político e econômico do Estado de garantir sua sustentabilidade e a produção da riqueza” (BAPTISTA, 2003).

Da prática psiquiátrica tradicional à Reforma Psiquiátrica¹⁶ há uma trajetória que perpassa períodos em que o tratamento à pessoa em sofrimento por doença mental ou considerada louca, envolvia confinamentos, intervenções cirúrgicas mutiladoras e eletrochoques; até, depois de anos de lutas e reivindicações da sociedade organizada, alcançar o resgate de direitos humanos e a humanização dos cuidados terapêuticos, reunindo, além dos profissionais da saúde, a família e a comunidade. Os grupos de pressão, decisores e legisladores se debruçaram sobre os caminhos da desinstitucionalização¹⁷ dos serviços relacionados com morbidades associadas ao modelo hospitalocêntrico, a partir dos anos 90.

A Desinstitucionalização dentro de um significado mais abrangente, é atribuída a atenção à saúde mental, convoca uma rede comunitária de cuidados em permanente articulação no território em busca da emancipação das pessoas que sofrem mentalmente, da promoção da autonomia e cidadania, resgatando saberes e potencialidades da comunidade no trato com o sujeito adoecido, elaborando trocas e construindo coletivamente soluções através do acolhimento, do fortalecimento da autoestima e autonomia destes sujeitos, reintegrando-os na comunidade, fomentando o direito de circular nos espaços da cidade. Mais do que um tratamento, consiste no desenvolvimento da pessoa.

Venturini (2010) destaca que a desinstitucionalização é diferente da desospitalização, chamando a atenção para o fato de que a desinstitucionalização está ligada ao crescimento pessoal, para além de um tratamento ou adaptação. O autor destaca que na desinstitucionalização o paciente é visto como o protagonista da cura, com seus pontos de força e fraqueza, construindo estratégias individuais ou em rede que sejam úteis para a vida, mesmo que provisórias. Nesse sentido o autor utiliza termos como “competência adquirida

¹⁶ A Reforma Psiquiátrica iniciou no final dos anos 70, e foi um movimento social dos trabalhadores em saúde mental por uma sociedade sem manicômios.

¹⁷ Essa palavra é de origem anglo-saxã e indica a superação das "instituições totais", que foram estigmatizadas com força nos anos 60.

por meio da experiência”, introduzindo a expressão “retomada subjetiva”, explicando sua função. “Em psiquiatria a responsabilidade é atribuída apenas ao médico, enquanto na retomada subjetiva é do próprio usuário a responsabilidade por si mesmo”. (VENTURINI, 2010, pg.143).

O autor acrescenta ainda que a retomada subjetiva reduz o espaço ocupado de forma tradicional pela família e pela sociedade facilitando a construção de percursos que permitem novas atribuições de sentido e chances de apreensão de novos equilíbrios existenciais.

O modelo tradicional de asilamento é segregador e leva a pessoa que está sofrendo com a doença mental ao isolamento, a perdas de referências sociais e ao recrudescimento da doença. O confinamento hospitalar é o resultado de uma psiquiatria que não se interessa pelo drama vivido pelas pessoas que passam por situações de desestruturação psíquica, limitando-se somente aos sintomas aparentes, e ao combate do estereótipo da loucura. Na tentativa de apagar as marcas da doença mental, inibe-se a expressão, destruindo a pessoa com seus desejos, vontades e sonhos.

A institucionalização rompe com o sujeito¹⁸ ao anular suas formas de se integrar socialmente, dela resulta um indivíduo coisa, embrutecido pelo controle de seu corpo imposto pela instituição.

Segundo o Relatório da Reforma Psiquiátrica e Política de Saúde Mental no Brasil: 15 anos depois de Caracas (2005), um dos principais desafios para o processo de consolidação da Reforma Psiquiátrica Brasileira é a formação de recursos humanos capazes de superar o paradigma da tutela do louco e da loucura.

O desafio de fundo é alterar o lugar e o entendimento da loucura na sociedade.

A loucura abala os alicerces da razão: Reforma Psiquiátrica

Na idade média e na idade renascentista, o cuidar estava ligado a preceitos religiosos, que correspondiam à ideia de uma boa morte, mais do que de uma boa vida, sendo que o lugar de cuidado das pessoas acometidas por doenças era asilar.

Progressivamente a atenção se deslocou dos doentes para as doenças, e na modernidade chegou-se a uma noção que identificava a saúde como a norma positiva absoluta e a doença como o fato anômalo negativo.

Com o nascimento da clínica constituiu-se um saber técnico e um aparato ideológico. Os médicos passaram a ser os protagonistas ativos da cura; as pessoas adoecidas, que sabem da

¹⁸ Para Paulo Freire (1980), “o homem integrado é o homem sujeito”, isto é, aquele que expressa sua humanização.

doença por percepção direta em seu corpo, os objetos passivos, pacientes; e o tratamento à estabilização dos sintomas do paciente.

“Pode-se dar também uma visão ingenuamente onipotente da possibilidade da cura, pode-se dar uma espécie de dependência do serviço pelo paciente, uma espécie de *maternage*, que acaba produzindo sua infantilização”. (VENTURINI, 2010, pg. 143). Essa concepção faz com que os profissionais atuem em formas de paternalismo, ao invés de favorecer as condições que permitem ao paciente recuperar seu papel ativo.

Fundamentada em um passado científico e filosófico, em inúmeras experiências, e inspirada pelos movimentos dos direitos civis dos anos 1960-70, nas últimas décadas, as perspectivas de cura em psiquiatria passaram por uma nova maneira de compreender a saúde e a doença, e as maneiras de atuar na promoção da saúde. A esse respeito, Venturini (2010) declara que “estas experiências abalam radicalmente a ideia de cronicidade e irrecuperabilidade do paciente psiquiátrico, impõem com força a exigência de mudar a relação entre curador e curado”.

Diante de um novo propósito para o indivíduo em sofrimento psíquico, para garantir sua cidadania, respeitar seus direitos e sua individualidade, e promover sua participação social, foi necessário modificar o sistema de tratamento da doença mental, substituindo o modelo de asilamento por uma rede de atenção psicossocial.

Na década de 70, no contexto político de luta pela democratização do Brasil, as políticas para a saúde mental foram objeto de vivo interesse de atores sociais que a influenciaram através de atuações externas à gestão sanitária.

No final da ditadura militar brasileira (1964-1985) a participação social tornou-se manifesta e, conseqüentemente as lutas sociais tomaram fôlego clamando por um modelo de proteção social onde todos tivessem acesso as Políticas Públicas.

No que toca, especificamente, a política social de saúde, foi instituído o Projeto da Reforma Sanitária – como uma forma institucionalizada dos movimentos sociais –, onde os integrantes almejavam que o Estado atuasse em função da sociedade, responsáveis pelas políticas sociais. Destacavam-se como fundamentos a democratização do acesso à saúde, a universalização das ações, a descentralização, a melhoria da qualidade dos serviços como adoção de um novo modelo assistencial baseado no princípio da integralidade, da equidade das ações e da participação social.

Neste processo, por volta de 1978, surge o principal protagonista da Reforma Psiquiátrica Brasileira, o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM)¹⁹.

É sobretudo este Movimento, através de variados campos de luta, que passa a protagonizar e a construir a partir deste período a denúncia da violência dos manicômios, da mercantilização da loucura, da hegemonia de uma rede privada de assistência e a construir coletivamente uma crítica ao chamado saber psiquiátrico e ao modelo hospitalocêntrico na assistência às pessoas com transtornos mentais. (Ministério da Saúde. 2005. pg. 7)

Frente a essas denúncias e reivindicações, o movimento foi ganhando corpo, inspirando-se principalmente no movimento chamado Psiquiatria Democrática Italiana, que exerceu grande influência sobre os movimentos Reformistas da América Latina, a partir do trabalho realizado pelo seu precursor, o médico e psiquiatra italiano Franco Basaglia.

No pós-guerra, em 1961, quando assumiu a direção do Hospital Psiquiátrico de Gorizia, Basaglia iniciou mudanças com o objetivo de transformar as condições de acolhimento e cuidado técnico com os internos, foi então que percebeu que era preciso ir além, eram necessárias mudanças profundas no modelo de assistência psiquiátrica e nas relações entre a sociedade e o sofrimento psíquico.

A visão de Basaglia assemelha-se ao movimento da antipsiquiatria, proposto pelo psiquiatra britânico Ronald Laing que ao lado do psiquiatra sul-africano David Cooper iniciam na Inglaterra, na década de 60, o movimento que revolucionou conceitos psiquiátricos, influenciados pelo existencialismo²⁰, associando os sentimentos expressos pelos doentes mentais a experiências vividas, considerando-os mais do que sintomas do distúrbio. Apresentando uma contestação radical à psiquiatria sobre a doença mental apontando as estruturas sociais, a cultura e as relações como disparador da patologia e afirmando que a loucura pode também ser um estado de libertação e renovação.

Movidos pela militância ideológica e política com referência nas reformas realizadas em outros países, a Reforma Psiquiátrica Brasileira propõe uma rede territorial de serviços de atenção psicossocial (CAPS), centros de convivência e cultura, residências terapêuticas, e cooperativas de trabalho e renda, baseadas nos princípios de economia solidária.

¹⁹ Movimento plural formado por trabalhadores integrantes do movimento sanitário, associações de familiares, sindicalistas, membros de associações de profissionais e pessoas com longo histórico de internações psiquiátricas.

²⁰ Tendência filosófica do século XX com uma visão dramática da existência humana. Sören Kierkegaard, filósofo dinamarquês, teólogo, poeta, crítico social, e autor religioso, considerado o “pai do existencialismo”; analisou os problemas da relação existencial do homem com o mundo, consigo mesmo e com deus. Os principais filósofos existencialistas são: Martin Heidegger (1889-1946) e Jean-Paul Sartre (1905-1980).

No Brasil, a saúde mental somente obteve o status de política pública com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), em um conjunto de princípios e diretrizes proposto pela Reforma Sanitária Brasileira na Constituição Federal de 1988.

Nise da Silveira: A rebelde!

O Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, o antigo Centro Psiquiátrico Pedro II - CCPII, ou Hospício do Engenho de Dentro, unidade da Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro é uma instituição de saúde mental com forte herança histórica no tratamento das doenças mentais.

Inaugurado no início do século XX como Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro, para receber mulheres severamente adoecidas, integrava o Serviço Nacional de Doenças Mentais, órgão do governo federal. Nesse período, chegou a contar com mais de 1500 leitos e era um exemplo do sistema de exclusão e estigma predominante na época.

A existência do CPPII é marcada por três determinantes momentos históricos. Na sua criação suas propostas se relacionavam a participação dos internos em atividades agrícolas como modelo de recuperação do sujeito identificado como louco. Em um segundo momento, quando são transferidos para lá os pacientes do antigo Hospício Nacional, a instituição toma as feições de um macro-hospital, um grande manicômio, tornando-se herdeiro do antigo Hospício Nacional de Alienados, e um terceiro momento, quando Nise da Silveira passa a atuar como terapeuta ocupacional.

Na década de 40, a médica e psiquiatra nordestina brasileira Nise da Silveira, hoje homenageada com o nome da instituição, desenvolveu um trabalho com pacientes internados neste hospital, trazendo à tona as contradições do sistema psiquiátrico e questionando seus pilares mais resistentes: a exclusão e a violência.

Em 1952, Nise inaugurou o Museu de Imagens do Inconsciente no hospital, que atualmente tem seu nome, e iniciou a maior experiência da psiquiatria brasileira, na qual se buscava o tratamento por meio de atividades expressivas. Principalmente com base no referencial da psicologia junguiana, Silveira sugeriu que as imagens revelam o inconsciente e que sua produção pode ter uma eficácia terapêutica, desde que desenvolvida em um ambiente de afeto e de convivência.

Em 1956, fundou uma unidade extra hospitalar de atendimento a egressos de internações psiquiátricas, a Casa das Palmeiras, hoje situada no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro.

Figura 4 - Emydio de Barros paciente de Nise da Silveira



Fonte: imagem do arquivo pessoal de Nise da Silveira.

Publicada em <http://louborghetti.blogspot.com.br/2011/07/imagens-do-inconsciente-pintura-e.html>

De acordo com alguns registros históricos, no século V a.C. a arte já era usada na Grécia como um recurso terapêutico para promoção, manutenção e recuperação da saúde. Naquela época a arte era considerada como reveladora, transformadora e colaboradora na construção de seres mais criativos, portanto saudáveis.

No curso da história a arte está para o desenvolvimento humano e coletivo. A arte sempre foi a forma de comunicar a observação do mundo, para que o homem pudesse intervir e transforma-lo.

Atualmente, e de forma geral, o que se tenta alcançar por meio da arte no tratamento de doenças mentais é a valorização do sujeito e sua capacidade de criar, uma espécie de reintegração-criadora através da arte, de forma que ele possa projetar seus conflitos internos e consequentemente expressar sua subjetividade reinventando a vida em seu âmbito cotidiano.

Para Wanderley (2002), a arte é um caminho que estreita a relação entre a loucura e a saúde através da criatividade. Criatividade é entendida por Wanderley como o movimento contra a repetição e a estereotipia; um ato que amplia as possibilidades do sujeito apresentando-o a uma nova modalidade de apreensão do mundo por meio da ampliação do contato afetivo com a realidade.

Nise da Silveira recusou-se a cuidar dos pacientes do Hospício do Engenho de Dentro com

métodos agressivos da psiquiatria, o Museu de Imagens do Inconsciente, que abriga uma coleção de 350 mil obras, e é, no gênero, uma das maiores e mais diferenciadas coleções do mundo, de onde pôde desvendar símbolos pintados pelos pacientes, a partir da formação que obteve com o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, em Zurique.

Atualmente o Museu de Imagens do Inconsciente constitui-se como o mais importante do mundo na área da psiquiatria transcultural, de acordo com Vitor Pordeus (2007), e essa experiência conjuntamente com a extensa obra de Nise publicada, com as descrições adequadas dos mecanismos e princípios de seus métodos, continuam disponíveis para as novas gerações de profissionais de saúde que queiram desenvolver relações mais profundas e, portanto, mais terapêuticas com seus clientes, completa Pordeus.

Nise da Silveira por meio de um trabalho cultural com o objetivo de desconstruir visões de mundo ao levar as pessoas à perplexidade através da emoção estética transformou a psiquiatria.

Nise foi um exemplo de vida e de luta pela humanização da psiquiatria, o que se justifica por aspectos de sua própria biografia heroica. Na década de 1920, na Faculdade de medicina na Bahia, Nise foi a única mulher formada em medicina em uma turma predominantemente masculina. Na década de 1930, já no Rio de Janeiro, foi presa e perseguida durante o Estado Novo, permanecendo anos em exílio no interior do país. Na década seguinte, voltou da clandestinidade e enfrentou os violentos métodos de tratamento vigentes no antigo Centro Psiquiátrico Nacional da zona norte carioca, enxergando sua semelhança com as torturas presenciadas no cárcere (Mello, 2014).

Na biografia de Nise da Silveira, escrita pelo seu amigo e parceiro de trabalho e pesquisa, atualmente diretor do Museu de Imagens do Inconsciente, Luiz Carlo Mello, a psiquiatra revela o tom da sua psiquiatria:

Fui trabalhar numa enfermaria [do hospício do Engenho de dentro], com um médico inteligente, mas que estava adaptado a aquelas inovações. Então me disse: “A senhora vai aprender as novas técnicas de tratamento”. Paramos diante da cama de um doente que estava ali para tomar um eletrochoque. O psiquiatra apertou o botão e o homem entrou em convulsão. Ele mandou levar aquele paciente pra a enfermaria e pediu que trouxessem outro. Quando o novo paciente ficou pronto para a aplicação do choque, o médico me disse: “Aperte o botão”, e eu respondi: “não aperto”, aí começou a rebelde. (MELLO, 2014, pg. 89).

Como Nise não aceitava esses novos tratamentos ela decidiu criar um espaço, dentro do hospital, que fosse adequado para um tratamento mais humano, de abordagem da doença

mental – a terapia ocupacional. Naquela época não havia faculdade ou cursos de terapia ocupacional. “Nise organizou, então, diversos cursos para funcionários, que tinham, em sua maioria, um grau elementar de instrução. Seu objetivo era usar a terapêutica ocupacional como legítima forma de tratamento” (MELLO, 2014, pg. 16). Fundou em 1946, a Seção de Terapêutica Ocupacional.

A intenção de Nise era atender grande parte dos internos, a maioria com diagnóstico de esquizofrenia, com muitos anos de doença.

O setor ocupacional atingiu dezessete atividades, entre sapataria, cestaria, teatro, jardinagem, música, carpintaria, encadernação, recreação entre outras. Mas foi o ateliê de atividades expressivas (pintura, modelagem e xilogravura) que motivou Nise a fundar o Museu de Imagens do Inconsciente, com o objetivo de transforma-lo em um centro de estudo e pesquisa para observação dos símbolos pintados pelos doentes e compreensão do processo psicótico.

Na psicologia junguiana²¹ Nise encontrou embasamento para a prática terapêutica e para compreensão das imagens que surgiam no ateliê.

Em 1947, quando Nise realizou a exposição das pinturas no II Congresso Internacional de Psiquiatria, que teve como título “A esquizofrenia em imagens”, foi Jung quem inaugurou a mostra e apontou para imagens arquetípicas²² comentando-as e refletindo sobre o trabalho de Nise da Silveira, de acordo com a citação de Mello:

Fiquei impressionado com a pintura dos esquizofrênicos brasileiros, pois elas apresentam no primeiro plano características habituais da pintura esquizofrênica, mas noutros planos uma harmonia de formas e cores que não é habitual na pintura de esquizofrênicos. Como é o ambiente onde esses doentes pintam? Suponho que trabalhem cercados de simpatia e de pessoas que não tem medo do inconsciente. (MELLO, 2014, pg. 24)

Mário Pedrosa, crítico de arte do Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, escreveu um artigo em fevereiro de 1947 sobre a qualidade artística das obras expostas, que Mello cita:

O artista não é aquele que sai diplomado da Escola Nacional de Belas Artes, do contrário não haveria artistas entre os povos primitivos, inclusive entre os nossos índios. Uma das funções mais poderosas da arte – da descoberta da psicologia

²¹ A psicologia junguiana ou analítica é um ramo do conhecimento e prática da psicologia imbuída de um simbolismo profundo, iniciada pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961). Segundo Jung, o homem deveria ser analisado em sua integridade, na sua vida em comunidade, nunca isolado do contexto sociocultural. Os conceitos principais desta vasta teoria são: Inconsciente Coletivo; Arquétipos; Processo de Individuação; Ego e Sombra.

²² Arquétipos, segundo a psicologia junguiana, são representações simbólicas na estrutura da mente responsáveis por padrões e tendências de comportamentos. Tudo que se produz e todo comportamento humano é modelado por arquétipos que se originam na camada mais profunda do inconsciente, chamada de Coletivo. (JUNG. 2000. Pg.56).

moderna – é a revelação do inconsciente, e este é tão misterioso no normal como no chamado anormal. As imagens do inconsciente são apenas uma linguagem simbólica que o psiquiatra tem por dever decifrar. Mas ninguém impede que essas imagens e sinais sejam, além do mais, harmoniosas, sedutoras, dramáticas, vivas ou belas, enfim, constituindo em si verdadeiras obras de arte. (MELLO, 2014, pg. 18)

O caráter interdisciplinar dos estudos de Nise da Silveira a levou a investigar com todas as ferramentas disponíveis: psiquiatria, psicanálise, filosofia, literatura, arte, religião, mitologia. Muitos escritores, poetas e artistas serviram como fonte de estudo e inspiração para suas pesquisas, o que demonstra sua capacidade de sintetizar e unir conhecimento de diferentes tendências. Mesmo a partir de tantas influências, Nise imprimiu sua marca criadora.

Eu [Nise da Silveira] queria manter o melhor entendimento possível com os doentes, tratando-os como seres humanos e não como figuras depositadas nestes lugares tão tristes que são os hospitais psiquiátricos. Naturalmente, eu procurava instrumentos que me ajudassem nesse trabalho de aproximação e compreensão. (MELLO, 2014, pg. 23)

De acordo com seus estudos e produções, Nise descobriu que as imagens pintadas pelos ditos loucos expressavam os afetos. Afetos não como simples emoções, mas como acontecimentos vitais que indicavam a capacidade de existir e o potencial autocurativo existente na mente.

O que teria sido feito nesse trabalho para que as manifestações de forças curativas pudessem acontecer em um ambiente tão hostil que normalmente é o hospital psiquiátrico?

A hipótese está em um ambiente de compreensão e apoio, onde nunca houve grades e seus frequentadores eram chamados pelo nome; com ênfase em atividades expressivas, não verbais, e a liberdade como forma de tratamento.

“O monitor das oficinas era chamado por Nise de *afeto catalizador*, numa analogia ao nome dado às substâncias que aceleram a velocidade das reações químicas. Ela empregava o mesmo termo para referir-se aos animais usados por ela, de forma inovadora, como *coterapeutas*”. (MELLO, 2014, pg. 23).

Spinoza (2011), filósofo admirado por Nise por sua visão unitária da vida, em sua obra “A Ética”, afirma que o afeto são as afecções do corpo, pelas quais a potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada.

Nise da Silveira, a partir do afeto, propõe uma metodologia terapêutica com a orientada pela proposição do exercício de atividades espontâneas, sem coação de espécie alguma, praticadas com liberdade.

Acredito, pela experiência, que na atividade criadora são mobilizados vários

aspectos da psique, porque se dá a oportunidade para que se expressem as forças ordenadoras autocurativas que se opõem as dissociações, ás desordens causadas pelos conflitos psicológicos. Essas forças instintivas são um movimento que vem do inconsciente. (MELLO, 2014, pg. 27)

Nise também atuou no Grupo de Estudos C.G. Jung, em que era estudada a obra de Jung e suas aplicações; e no grupo de estudos do museu, em que o foco maior eram as séries de imagens surgidas nos ateliês como fonte de reflexões sobre as psicoses e o simbolismo o inconsciente. (MELLO, 2014, pg. 39).

Nise da Silveira abriu caminho às ideias de Jung na América Latina, vinculando-as às suas experiências práticas, ao lidar com os psicóticos e suas criações plásticas. Mas Nise foi muito além, inserindo, na terapêutica as “emoções de lidar”²³, ampliando o tratamento para a relação humana capaz de afetar e se sentir afetado, rompendo com o preconceito, em busca de compreensão das vivências esquizofrênicas.

Faleceu em 30 de outubro de 1999, no Hospital da Lagoa, no Rio de Janeiro, vítima de insuficiência respiratória.

Figura 5 – Nise da Silveira



Fonte: foto retirada da internet que compõe meu acervo pessoal.

²³ Nise usa a expressão “Emoções de Lidar” para substituir “Terapêutica Ocupacional”. Esse termo foi criado por um cliente da Casa das Palmeiras quando manipulava materiais de trabalho.

Figura 6 - Oficinas do setor de terapêutica ocupacional do Centro Psiquiátrico Pedro II, liderado por Nise da Silveira.



Fonte: fotos retiradas da internet que compõe meu acervo pessoal.

“Eu sou Nise legal,
no hospital do Engenho de Dentro
ela virou tradicional.
A amizade é garantida
Tô nesse ponto de partida.
A empolgação é genial
Mas que doutora
Sensacional!”

Samba de Pelezinho para doutora Nise. Jacy de Oliveira, 2013.

Na década de 90, no Instituto de Assistência à saúde Nise da Silveira, com a constituição de serviços de convivência, se inicia efetivamente a transição do antigo modelo asilar.

Em 2007, se formou um grupo de teatro chamado Laboratório Tupinagô, que já se articulava em torno da conexão arte-saúde e teve sua primeira ação, “Visita a imunologia”, em um curso de pós-graduação na FIOCRUZ no Rio de Janeiro, organizado pelo médico imunologista Nelson Vaz. O grupo, autorizado pela Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, utilizava para ensaios um espaço que constituía uma ex-enfermaria do complexo hospitalar do Engenho de Dentro. O uso desse espaço por essa coletividade viria a ser o HL em 2012.

Figura 7 - Atividade expressiva, Hotel da Loucura. 2015



Fonte: Arquivo Hotel da Loucura.

ENGENHO DE DENTRO PRA FORA

Em 2011, no teatro Carlos Gomes, no Rio de Janeiro, no “11º Encontro Fala, Comunidade!”, um encontro que reuniu artistas, gestores e funcionários públicos, trabalhadores da saúde, agentes comunitários e culturais, professores, estudantes, pesquisadores, médicos, amigos, coletivos independentes, movimentos sociais e militantes, para apresentar experiências de desenvolvimento comunitário a partir da promoção da saúde tendo a arte como método, aconteceu também a inauguração da Universidade Popular de Arte e Ciência (UPAC) com o ato 1º Congresso da Universidade Popular de Arte e Ciência.

No mesmo ano, com a implantação do Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde, na Secretaria de Saúde do Município do Rio de Janeiro, coordenada por Vitor Pordeus, há um foco estratégico de promoção de saúde que valoriza as ações das Escolas Populares de Saúde (EPS), instituídas em territórios populares, deste município, que, através da arte, dos saberes tradicionais, da colaboração comunitária e da educação popular, fundou um campo de atuação que considerava a multidimensionalidade dos fatores da saúde e das doenças, e pressupunha uma intervenção de base estrutural, levando em conta a cultura local e produzindo ações capazes de combater, de forma integrada, intersetorial e articulada, os fatores negativos que caracterizam o contexto de vulnerabilização do território. As EPS seriam inspiração para as ações da UPAC.

A UPAC pode ser definida como uma rede colaborativa que se movimenta a partir de atores sociais que promovem troca de saberes, propondo uma ciência que considera a experiência como ponto de partida para a produção do conhecimento. Suas práticas estão voltadas às experiências coletivas mediadas pela dança, pela música, pela poesia, pelo ato cenopoético²⁴, e pelo teatro, na promoção da saúde mental de grupos e comunidades. As raízes ideológicas e as práticas da UPAC estão fincadas na educação popular em saúde²⁵.

²⁴ A Cenopoesia criada pelo mestre Ray Lima emerge do diálogo entre a cena, a poesia, e a educação popular, e sua prática caracteriza-se pela articulação de repertórios humanos.

As obras cenopoéticas resultam de um processo de criação democrático e aberto, acolhendo nos seus atos todas as formas de expressão, de saberes, de experiências e de linguagens, por meio de diálogo autônomo e afetivo.

²⁵ A Educação Popular em Saúde se inspira nas obras e ações do educador Paulo Freire, parte do saber da vida dos sujeitos envolvidos em processos sociais, de questionar as distâncias e as hierarquias, e se expressa pelo diálogo, na busca por construir uma cidadania crítica e transformadora. Valoriza as sabedorias populares, as expressões culturais locais, a participação popular e as ações coletivas. Informações em: <http://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/educacao-popular-em-saude>

Aprenda o mais simples!
 Para aqueles cuja hora chegou
 “Nunca é tarde demais!
 Aprenda o ABC; não basta, mas aprenda!
 Não desanime! Comece! É preciso saber tudo!
 Você tem que assumir o comando!

Aprenda, homem no asilo!
 Aprenda, homem na prisão!
 Aprenda, mulher na cozinha!
 Aprenda, ancião!
 Você tem que assumir o comando!

Frequente a escola, você que não tem casa!
 Adquira conhecimento, você que sente frio!
 Você que tem fome, agarre o livro: é uma arma.
 Você tem que assumir o comando.
 Não se envergonhe de perguntar, camarada!
 Não se deixe convencer!
 Veja com seus próprios olhos!
 O que não sabe por conta própria, não sabe.
 Verifique a conta É você que vai pagar.
 Ponha o dedo sobre cada item
 Pergunte: o que é isso?
 Você tem que assumir o comando”.
 Elogio do Aprendizado, Bertolt Brecht.
 Cantiga do Teatro de DyoNises, 2014.

A UPAC é uma rede que atualmente, abrange grande parte do território brasileiro, Inglaterra, França, Itália, Israel, Cabo Verde, México e Canadá com diferentes ações que partilham do fazer cultural estratégias de promoção de saúde e cidadania, através do fortalecimento da identidade, da autoestima, das tradições e memórias.

Por meio de encontros anuais abertos, com participação livre, aconteciam os Congressos da UPAC. Os colaboradores se encontravam no HL para tecer trocas que fortaleciam a rede e

potencializavam as ações nos territórios onde atuavam. Os Congressos da UPAC, depois que começaram a acontecer no Instituto de Assistência à saúde Nise da Silveira, na sede do HL, eram chamados de OcupaNise.

Figura 8 – OcupaNise. 2013



Fonte: Arquivo Hotel da Loucura.

Há um manifesto da UPAC²⁶, escrito pela médica e atriz cearense Vera Dantas, onde se pode encontrar poeticamente o conteúdo da ação ideológica deste grupo como uma proposta educacional fundamentada na ciência, que considera a importância do ato criador, e da cultura popular como possibilidade de transformação do cotidiano em sua complexidade. No texto, Dantas se refere à coletividade parte das ações da UPAC como “atores-sujeitos-protagonistas, aprendizes da arte do bem-viver, propositores de caminhos nos quais é possível conjugar o ser, saber e querer”.

Vitor Pordeus publicou em março de 2007 no blog Imanamente, uma possível proposta do que seria a UPAC:

Eu não sei o que é. Mas tem a ver com estar em grupo, tem a ver com música, cantar, com professar bondades. Tem a ver com a beleza do pôr do sol. Tem a ver com uma profunda reverência com a natureza, com a beleza infinita de uma árvore

²⁶ O manifesto completo pode ser lido em: www.upac.com.br

velha. Tem a ver com respirar. Tem haver com tudo que é vivo. Tem a ver com estar vivo, e se sentir parte de um planeta inteiro vivo. Tem a ver com a nossa constituição fundamental, ontológica. Tem a ver com buscar de modos tão distintos um sentimento que te aquece, esse sentimento último tem a ver com amar. (VITOR,2007, Blogspot Imanamente).

Em 2012, o Hotel da Loucura acolheu o II Congresso Espetaculoficina da UPAC com o I Ocupanise com o tema “Afeto Incondicional”, entre 9 e 31 de julho deste mesmo ano.

Artistas, cientistas, pesquisadores, ficaram “internados voluntariamente” durante quase um mês colaborando, se expressando, dialogando, aprendendo a aprender, convivendo harmonicamente através da cooperação, compartilhando saberes, dançando, cantando, celebrando a vida, criando, entrando em cena, para procurar respostas que sejam caminhos à saúde, à totalidade do ser, à vida, portanto.

Figura 9 - Cartaz de divulgação.



Fonte: Arquivo do Hotel da Loucura

O primeiro passo para esse encontro foi transformar o espaço em um ambiente mais acolhedor. As cores, as poesias, as boas imagens nas paredes, o cuidado em preparar os quartos como os de um hotel.

Em 2013, no III Congresso da UPAC, II OcupaNise, fui pessoalmente conhecer o que havia visto e conhecido por vídeos no youtube²⁷ que falavam sobre Vitor Pordeus e suas ideias.

Ocupar o espaço e fazer parte de uma ação de saúde mental e desenvolvimento coletivo através da valorização da manifestação artística, e da potência de agir para o bem comum, desconstruindo o estigma do louco e a ideia de exclusão para tratar; conhecer novas pessoas e novos modos de viver e atuar; cuidar e receber cuidados; entrar em cena; construir um espetáculo teatral coletivamente com liberdade de ação; percebendo que as pessoas que faziam parte manifestavam cultura e saúde através desse movimento, uma impulsionando a outra, em um convite ao prazer, e a criatividade.

Foi assim, me “internei” pela primeira vez no HL, junto a mais de trezentas pessoas para ações em arte pública, saúde coletiva e educação popular.

Figura 10 - Entrada do prédio Casa do Sol, Instituto Nise da Silveira, onde havia a enfermaria ocupada pelas ações do Hotel da Loucura. 2013.



Fonte: arquivo Hotel da Loucura. Foto: Ração Diniz.

²⁷ Vídeos sobre Vitor Pordeus podem ser vistos em: <https://www.youtube.com/user/vitorpordeus>

Figura 11 - Aula pública no pátio do Hospício do Engenho de Dentro, Instituto Nise da Silveira, Congresso da UPAC, OcupaNise. 2014.



Fonte: arquivo Hotel da Loucura. Foto: Ratão Diniz.

Figura 12 - Aula pública no pátio do Hospício do Engenho de Dentro, Instituto Nise da Silveira, Congresso da UPAC, OcupaNise. 2014.



Fonte: arquivo Hotel da Loucura. Foto: Ratão Diniz.

Figura 13 – Canto e dança após aula pública, no pátio do Hospício do Engenho de Dentro, Instituto Nise da Silveira. Médicos, pacientes, cuidadores, estudantes, artistas, todos juntos, criando perspectivas para o desenvolvimento humano através da saúde mental da coletividade. Congresso da UPAC, OcupaNise - 2014.



Fonte: Arquivo Hotel da Loucura. Foto: Ratão Diniz

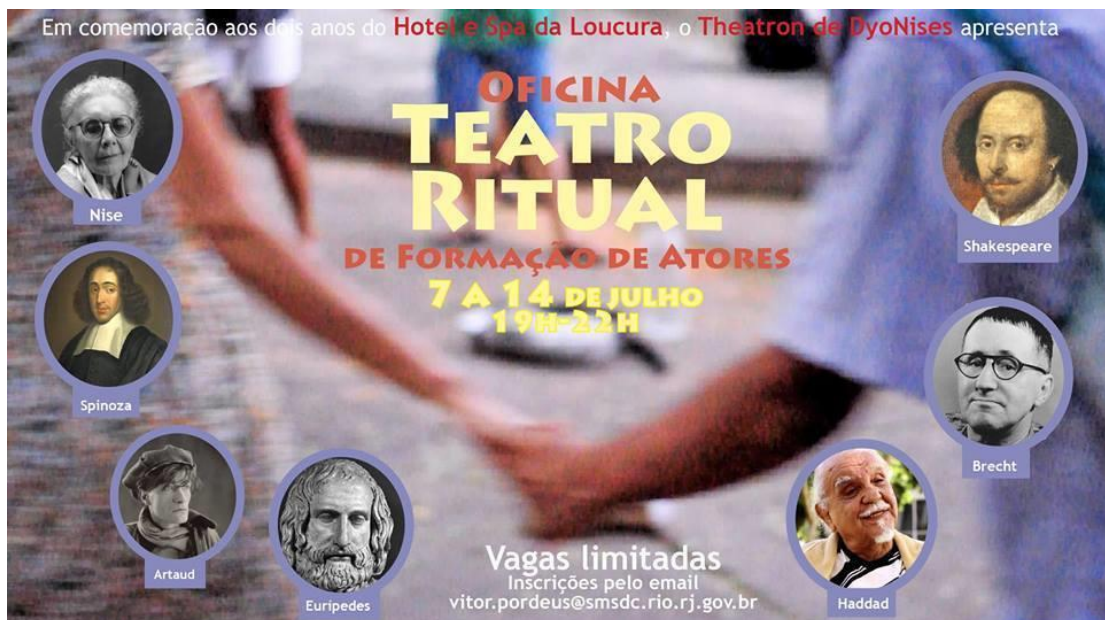
No HL Pordeus regularmente ofertava para a comunidade, como percursos formativos, o cursos de psicopatologia e de saúde Mental, arte e Cultura, e oficinas prático-metodológicas denominadas SHABESS.

O HL funcionava como um polo irradiador das ideias da UPAC e abrigava coletivos e artistas que residiam para pesquisa e ações que eram orientadas pela arte como direção para promoção da saúde. Semanalmente, era possível participar de oficinas em diferentes linguagens. Co-laboradores artistas-pesquisadores facilitavam experiências a quem desejasse fazer parte.

No período que estive no HL, como artista residente, havia exibição de filmes, aulas de ioga, sarau de poesias, oficinas de música experimental, manejo da horta de plantas medicinais, oficina de fotografia, oficina de teatro e ação expressiva.

O grupo Teatro de DyoNises, se apresentava regularmente na praça Millor Fernandes, no Arpoador. Artistas residentes, trabalhadores e usuários dos serviços do Instituto Nise da Silveira, e pacientes internos, compunham o elenco que se ampliava com a participação do público na praça.

Figura 14 – Cartaz de divulgação da oficina SHABESS.



. Fonte: Arquivo Hotel da Loucura.

Os coletivos que tiveram residência artística no Hotel da Loucura foram:

Norte Comum: Nós somos aqueles que nós estávamos esperando.

Em 2012, em um evento que o coletivo Norte Comum realizava no Morro do Salgueiro, Rio de Janeiro, o Teatro de DyoNises foi convidado pra fazer uma apresentação. Se encontraram e mantiveram contato por redes sociais digitais, colaborando na divulgação de eventos e compartilhando novas ideias.

Em meados de 2012, quando o Hotel da Loucura foi inaugurado para o I OcupaNise – II Congresso da UPAC, Vitor Pordeus, convidou o Norte Comum para se hospedar e ter a sua 1º sede fazendo a gestão do espaço e a comunicação.

Segundo o Coletivo, o convite foi feito por Pordeus acreditar que as formas de trabalho e atuação do Norte Comum respeitavam as ideias de arte e afeto propostas por Nise da Silveira, assim como pela necessidade de dar mais visibilidade ao projeto HL, que não tinha nenhum apoio financeiro ou investimento de recursos públicos.

O Coletivo Norte Comum colaborou com a parceria de grafiteiros para pintarem o espaço e promoveu encontros através do Sarau Tropicacos.

Coletivo Criativo de Rua – CRUA: Identidade Negra

Em agosto de 2013, o CRUA iniciou sua residência no Hotel da Loucura realizando a 2ª Mostra de Cinema Independente, uma maratona de performance de cinema com mais de 30 artistas e coletivos reunidos com apresentações de vídeo-artes e performances com a finalidade de refletir sobre a loucura. O principal objetivo do Coletivo era fortalecer a identidade negra através da cultura e da informação.

Em outubro do mesmo ano, CRUA inaugurou uma sala de cinema oficial dentro do HL, nomeada Cine Sol.

O coletivo promoveu a mostra AFROntamento, mesas de debate, exposições fotográficas, feijoada colaborativa e oficinas.

Coletivo NECTAR – Núcleo de Experimentação Cênica e Transas Artísticas

O Núcleo nasceu da amizade e das afinidades estéticas e políticas dos integrantes que se conheceram no HL, onde por arrebatamento ideológico e afetivo iniciaram suas atividades artísticas em outubro de 2013.

O objetivo do NECTAR era contribuir na produção dos eventos do HL e nas atividades relacionadas à criação, produção e formação teatral. A proposta de ocupação do NECTAR tem o teatro como propulsor.

Foi o coletivo NECTAR deu origem ao Teatro de DyoNises, o nome do grupo faz referência ao deus grego Dioniso e a psiquiatra Nise da Silveira, e demonstra as inspirações do grupo.

Os integrantes também fundaram o Grupo de Estudos Gerar, que dialogava sobre os conceitos, obras e autores que inspiravam e fundamentavam o trabalho desenvolvido no HL. O NECTAR também fez a monitoria da oficina de ação expressiva, e a coprodução dos simpósios, encontros, congressos da UPAC/ OCUPANISE, entre outros cursos realizados no HL.

Vô Pixá Pelada: Lôca Arte.

Em 2014, o coletivo Vô Pixá Pelada ocupou as dependências do HL.

A primeira ação do coletivo compreendeu, continuamente, a construção de um ateliê de artes plásticas, depois utilizado como baia para exposições. O coletivo também realizava oficinas para intervenções no espaço, transformando o ambiente.

Como apresentação do resultado das oficinas, eram realizadas mostras “Fábulas Fabulosas”.

Em junho do mesmo ano, aconteceu a primeira mostra de vídeo-arte que reuniu trabalhos de onze artistas brasileiros e uma artista espanhola.

Coletivo AIA – Ação Imediata Anarquista.

Em outubro de 2014, o coletivo AIA decidiu propor a criação de um jornal impresso que tratasse da pauta antimanicomial. Quando conheceram o Instituto Nise da Silveira encontraram diversos coletivos e indivíduos dispostos a embarcar nessa construção.

A intenção era criar um canal de comunicação à disposição dos usuários do serviço, a partir daqueles que convivem dentro da ocupação HL.

Em pouco tempo de pesquisa, se depararam com artistas incríveis e atores geniais, internos no Hospício do Engenho de Dentro, entre eles, Luciene Adão, escritora que viria a se tornar o pilar do impresso.

Mas foi através da linguagem do teatro que o HL fundamentou e fortaleceu suas ações, dando forma ao delírio de pacientes psiquiátricos e dos que ali estavam pesquisando e colaborando. O teatro, segundo Pordeus, preparava a coletividade para enfrentar a loucura, conhecendo as forças do inconsciente e revelando uma biologia para a saúde mental com uma nova compreensão da natureza através da associação dos sentidos, produzindo sincronicidades, assumindo contradições internas, e o que somos capazes de construir e destruir.

Figura 15 - Vitor Pordeus brincando com atores na oficina SHABESS, 2017, Rio de Janeiro.



Fonte: Arquivo Hotel da Loucura.

O COMPORTAMENTO É O QUE GUIA A EVOLUÇÃO

Artaud (2012) declarou que a saúde mental tem que ser despertada pelos nervos e pelo coração e apontou para o teatro como possibilidade, comparando-o a alquimia.

Os princípios essenciais de todo drama contém de modo substancial e ativo, isto é, cheio de descargas, infinitas perspectivas de conflito. Formas, sons, músicas e volumes, evocar, passando por todas as semelhanças naturais das imagens e das similitudes, não direções primordiais do espírito, que nosso intelectualismo lógico e abusivo reduziria a inúteis esquemas, mas espécies de estados de tão intensa acuidade, de uma argúcia tão absoluta, que é possível sentir através dos estremecimentos da música e da forma as ameaças subterrâneas de um caos tão decisivo quanto perigoso. (ARTAUD, 2012, p.49)

Figura 16 – OcupaNise 2013, Praça Rio Grande do Norte, Engenho de Dentro, Rio de Janeiro.



Fonte: Arquivo Hotel da Loucura.

O teatro apresenta-se como uma linguagem de criação de sentidos. É um meio sistemático de comunicar ideias e sentimentos através da produção de imagens simbólicas.

Artaud (2012) considera que o teatro é capaz de agir sobre importantes coletividades e transforma-las em relação à vida, desenvolvendo a noção de uma vida apaixonada. Segundo

Artaud (2012), apenas através do teatro é possível a revelação, a afirmação e a exteriorização da crueldade de um indivíduo ou de um povo. Pelo teatro há a possibilidade de desenredar os conflitos externos e internos e liberar as forças ocultas e inconscientes de destruição para criar possibilidades de desenvolvimento. (ARTAUD 2012).

O teatro toma gestos e os esgota, refaz o elo entre o que é e o que não é, entre a virtualidade do possível e o que existe na natureza materializada. O teatro reencontra a noção das figuras e dos símbolos-tipos, que agem como se fossem pausas, sinais de suspensão, paradas cardíacas, acessos de humor, acessos inflamatórios de imagens em nossas cabeças bruscamente desesperadas; o teatro nos restitui todos os conflitos em nós adormecidos com todas as suas forças, e ele dá a essas forças nomes que saudamos como se fossem símbolos: e diante de nós trava-se então uma batalha de símbolos, lançados uns contra os outros num pisoteamento impossível; pois só pode haver teatro a partir do momento em que realmente começa o impossível e em que a poesia que acontece em cena alimenta e aquece símbolos realizados”. (ARTAUD, 2012, p. 28)

Tratava-se, portanto, de fazer do teatro, uma função, uma realidade na qual se podia acreditar, onde se comporta uma sensação verdadeira, completa. Vítor Pordeus afirma que, é na ação teatral que o HL se funda, é a partir do teatro que tudo começa.

LOUCURA SIM! MAS TEM SEU MÉTODO

Vitor Pordeus (2016), atenta para a anamnese médica como uma ideia muito antiga na tradição médica para pensarmos o teatro como método de saúde mental, e a compara a dramaturgia. “A solução do enigma da doença está na história, na história do indivíduo, de sua comunidade, de seu mundo e seu ecossistema”, conclui.

No HL, o teatro venceu os diagnósticos que consideravam os pacientes psiquiátricos inúteis. Em cena, eles cantavam e dançavam junto a outros atores e eram capazes de contar suas histórias, encenar suas dores e seus delírios, e construir coletivamente uma ideia comum que dava vazão a manifestação da vida.

Através do teatro, era possível resgatar a expressão de pessoas que estavam em grave sofrimento psíquico, com grandes dificuldades na comunicação, e na ação física. Brincadeiras de improviso permitiam a manifestação de conteúdos internos, que revelavam a história pessoal de cada um, e deslocando a atenção da doença para as vivências do sujeito, que protegidos por uma rede afetiva, que acolhia as mais diversas expressões e as transformava em uma dramaturgia comum para a cena coletiva, todos iam produzindo imagens simbólicas e encontrando significado para as suas histórias, criando uma atmosfera de apoio emocional capaz de retomar a vida.

O teatro que Artaud descreve se parece com o que costumava acontecer nas apresentações do Teatro de Dyonises. “Mesmo antes de poder ver do que se trata, sente-se que ali está acontecendo algo grandioso, e os ouvidos, por assim dizer, emocionam-se ao mesmo tempo que os olhos. A impressão que se tem de longe é que tudo isso anuncia uma espécie de drama da natureza”. (ARTAUD, 2012, p.39).

Na oficina de ação expressiva, onde era exercitado o teatro, o uso de figurinos, máscaras, adereços; as músicas cantadas e dançadas; as brincadeiras livres e coletivas, com o corpo, com o outro e com o espaço, iam dando forma á experiências inconscientes e produzindo imagens cênicas.

Cenas e relações pouco prováveis para um espaço manicomial ou, apenas provável em um espaço manicomial, uma vez que não é a loucura que produz arte, mas a metodologia expressiva que produz um canal para criar uma ação que revela uma essência genuinamente criadora capaz de superar dificuldades e agir afirmando subjetividades.

Esse processo se constitui como nascedouro da possibilidade de resgate da alteridade. Neste exercício os corpos se relacionavam de maneira extra cotidiana, não importava se eram estudantes, cuidadores, atores, médicos ou sujeitos em condição de internação, todos

assumiam novos papéis e experimentavam novas formas e emoções de lidar.

O resultado era uma série de imagens e sonoridades que comunicavam para além do que os olhos podiam ver, criava-se estados de profunda sensibilidade e afeto pela totalidade simbólica, onde o diagnóstico da doença mental era rompido, pois era insuficiente para abranger a visão transcendente dos atores.

Seguindo o pensamento-ação de Nise da Silveira, as oficinas de ação expressiva, encaravam como expressão do sujeito, aquilo que a psiquiatria tradicional consideraria um sintoma da doença.

Nesse novo paradigma não há lugar para a figura do louco ou anormal. Até porque nessa relação era possível perceber deficiências e eficiências de todos, que eram superadas pela própria convivência através da interação, proporcionando a construção de hábitos comunitários onde todos estavam sendo estimulados a buscar o equilíbrio.

“O teatro pode simular a vida humana, para sua história e para se desenvolver um trabalho apropriado de arte e autonomia na cura, na promoção de autoconhecimento e relação humana”. (VITOR, 2007, pg. 6).

Figura 16 – Oficina de Ação Expressiva, 2015.



Fonte: <http://upac.com.br/#/blog/post/54efd1855aaa0e5f62003a04>

Figura 17 - Cartaz divulgação da Oficina de Ação Expressiva.



Fonte: Arquivo Hotel da Loucura

As práticas do repertório das oficinas de ação expressiva e do Teatro de DyoNises estavam intimamente relacionadas com encenações de sete autores-chave que durante a oficina SHABESS, facilitada por Vitor Pordeus, os participantes se dedicavam ao estudo e representação.

SHABESS é o acróstico das iniciais dos autores estudados, e na língua judia europeia ocidental quer dizer “sábado”, o dia de descanso, o dia de curar.

O primeiro deles é Shakespeare, Willian (1564-1616). Poeta, dramaturgo e ator inglês, tido como o maior escritor do idioma inglês e o mais influente dramaturgo do mundo. A Oficina SHABESS estava direcionada ao estudo da tragédia clássica “Hamlet”, de Shakespeare, escrita entre 1599 e 1601 e trata de problemas fundamentais da condição humana.

Hamlet é um indivíduo perturbado, decepcionado e abatido, foi destronado e viu o assassino do seu pai estabelecer um reino corrupto. Ele luta internamente para saber qual dever ser seu

destino: não agir diante da injustiça e sentir-se um covarde, ou lutar por suas convicções manchando as mãos de sangue.

Além da justiça e da dúvida existencial, a razão frente à loucura é abordada nessa obra.

O recorte utilizado nos estudos da oficina era o ato III, cena 2, onde se revela a responsabilidade do teatro exibir-se como espelho da vida.

O segundo conteúdo dramaturgico é Amir Haddad (1937 – 81 anos), o ancestral vivo da arte pública brasileira. Mestre do teatro popular, um dos grandes nomes do teatro brasileiro.

Mineiro de Guaxupé, ator, diretor e teatrólogo. Criador do Teatro Oficina, em 1958, com José Celso Martines Corrêa e Renato Borghi.

Das salas fechadas de teatro aos espaços públicos, Haddad abriu caminho para um teatro de relação com o povo, como feito nos primórdios, sem palcos ou delimitações para a cena.

No Rio de Janeiro, criou um dos mais influentes e antigos grupos de teatro brasileiro, o “Tá Na Rua”, que desde a década de 80 leva aos espaços públicos espetáculos que carregam a ideia de improvisado e de simplicidade, em que a participação do público é parte da cena. Idealmente o Teatro de Dyonises vai às ruas e às praças para praticar as performances públicas.

O terceiro conteúdo dramaturgico é do poeta, ator e tido como louco, com várias internações em manicômios, Artaud, Antonin (1896-1948). No pensamento de Artaud, o teatro é o lugar privilegiado de uma germinação de formas que refazem o ato criador, formas capazes de dirigir ou derivar forças.

Participou do movimento surrealista (posteriormente rompendo com este), idealizou o Teatro da Crueldade, onde propunha uma mudança na forma de atuar, na estrutura do espetáculo e na relação do teatro com o público. Todos seriam atores e todos fariam parte do processo, não haveria nenhuma distância entre ator e plateia.

A obra pesquisada na Oficina é “O teatro e seu Duplo”, um dos livros mais influentes do teatro deste século.

O quarto é Brecht, Bertold (1898-1956). Dramaturgo, romancista, poeta e encenador alemão. Estudou medicina e trabalhou como enfermeiro durante a Primeira Guerra Mundial. Tinha fortes influências marxistas e fez do seu teatro uma forma de conscientização a partir do seu método: “O Teatro Épico²⁸”, uma das grandes teorias de interpretação do século XX.

²⁸ O conceito de Teatro Épico diz respeito a um teatro didático narrativo que procura um distanciamento entre personagem e espectador para que este seja capaz de refletir e aprender a lição social proposta. Opõe-se ao teatro clássico e tradicional (teatro aristotélico) que ao invés de suscitar emoções e sentimentos desperta uma atitude crítica.

Em 1933, com a perseguição nazista, Brecht exilou-se e nessa época (1937) escreveu “A Vida de Galileu” (1937), a obra estudada na Oficina.

O quinto deles é o dramaturgo Eurípedes, poeta trágico grego, que entre várias tragédias escreveu “As Bacantes”, em seu exílio na Macedônia em 400 a. C. Nessa peça narra o eterno conflito entre o militarismo e o dionisismo²⁹. Dioniso, deus do teatro, do vinho e da loucura, da festa, da música, da dança e celebração, reúne as bacantes, suas servas, para se vingar da ordem militar de proibição do culto à liberdade, dançando e cantando.

A sexta dramaturgia é a própria Dra. Nise da Silveira (1905 - 1999), e finalmente a sétima fase dramática é Spinoza (1632 – 1677), um dos grandes racionalistas e filósofos do século XVII dentro da chamada filosofia moderna, com a noção de totalidade, os gêneros do conhecimento, a alegria e o prazer como vocações do viver. A obra estudada é Ética.

O estudo desses autores faz parte da construção de um rito teatral conduzido pelo médico e ator Vitor Pordeus que envolve poesia, danças, cantigas, cenas, manifestações livres e improvisadas, rememorando símbolos ancestrais da medicina e das coletividades.

A oficina SHABESS propunha uma metodologia ritual de relação com as forças da natureza criando símbolos e resgatando a cultura coletiva, agindo assim nas profundezas do inconsciente, revelando conteúdos internos, produzindo documentos psíquicos e reconhecendo habilidades superiores através da linguagem do teatro.

Durante as oficinas SHABESS, o grupo trabalhava basicamente a capacidade de afetar e ser afetado, dialogando com o conteúdo dos autores, aumentando a potência de sentir, negociando subjetividades, emoções, se conhecendo e se reconhecendo enquanto coletivo.

O corpo de cada um que entra em cena se manifesta como uma potência em ato, uma força de existir, e através das relações com outros atores é visível que os corpos vão sofrendo alterações, e a potência de atuar vai aumentando, e o corpo se expandindo e se transformando. Como se os atores estivessem produzindo a si mesmos através da relação, do espaço e da proposta de criação coletiva, com consciência de unidades autônomas, criando mecanismos de vida de dentro pra fora.

²⁹ [...] o dionisismo aparece como uma cultura do delírio e da loucura: loucura divina, que é tomada como encargo, possessão pelo deus. Por essa via, o homem libera-se da ordem que constituía, do ponto de vista da religião oficial, o domínio próprio do sagrado [...] o que, a partir de então, o fiel procura atingir por um contato íntimo com o divino, é um estado diverso, de santidade e de pureza totais, ao qual se aplica o termo *Evoé*, que marca a consagração completa – no sentido próprio: a liberação com respeito ao sagrado. (VERNANT, 1973, pg. 259).

“Gira dança
 Gera atriz
 Gira ator
 Gera luz
 Gera luz feérica
 Fé rica é
 Somamos
 Somos
 Amam sapiens”.

Gira Dança Gera Atriz. Edu Viola, 2013.

A sensação é que o Teatro de DyoNises acessa a linguagem que o espírito precisa para produzir suas manifestações. Através de danças, cantorias, sons e gritos se encontra o ponto para conduzir uma dramaturgia da história dos atores e da comunidade. Como se a cada instante a linguagem fosse rompida para tocar na própria vida e assim o tempo todo estivesse refazendo o teatro. “O que interessa é manifestar a sombra e brincar”, objetiva Vitor Pordeus durante os ensaios do grupo.

De acordo com Jung, dentro da psicologia analítica, a sombra representa como o indivíduo oculta tudo que é rejeitado pelos padrões sociais e por si mesmo, ou seja, o monstro escondido dentro de cada um de nós.

Através deste rito teatral, a ação coletiva origina um caminho que organiza a dramaturgia e propõe, por meio do jogo cênico, possibilidades coletivas para enfrentar as sombras.

A cena revela meios de atuar na vida pela força dos gestos individuais que produzem imagens coletivas, e através da construção ou destruição dos gestos alcança o que sobrevive às formas, e produz a continuação delas. O Teatro de DyoNises dá um sentido de renovação à vida, esse é o nascedouro.

Nessa coletividade há uma atitude heroica que Artaud define como uma verdadeira peça de teatro, pois impõe à coletividade uma atitude que perturba o repouso dos sentidos e libera o inconsciente comprimido.

O Teatro de DyoNises apresenta-se em praça pública, sempre circularmente, compondo na roda o rito próprio do grupo. Não há ator principal, nem diretor. Todos são público ao mesmo tempo que são atores, inclusive o público que é convidado a entrar em cena. Porém ninguém chama ninguém para fazer parte. A sensação é que as pessoas já estão dentro da roda e vão se envolvendo com o outro conforme vão se encantando.

Há um coro e um personagem chave que dá o ponto de partida e rege todo o espetáculo. Ele aconselha, fomenta e incita os personagens. A cenopoesia aponta caminhos de relação entre a manifestação de conteúdos internos e a dramaturgia, propondo interação e diálogo, através de atos, cantigas e danças.

Os atores sempre atentos se observam e se relacionam o tempo todo, estabelecendo uma atmosfera de prazer e alegria que elabora um campo vibracional, que propicia a participação e potencializa a ação.

Os figurinos dos atores são fantasias de escolas de samba readaptadas às necessidades do grupo (capas, coroas, saias, máscaras, chifres, vestidos, batas, entre outros), e os atores escolhem o que vão vestir no início da apresentação. As roupas ficam expostas na praça para que o público também faça o uso, se desejarem entrar em cena. As formas das roupas deslocam o eixo do porte humano e cria um estado de transe que atinge a todos intuitivamente.

Esse teatro puramente popular nos dá uma ideia extraordinária do nível intelectual de um povo, que toma por fundamento as lutas de uma alma que se tornou presa da própria história e das batalhas da mente.

Os tremores dos corpos, a gritaria, o salto que bate no chão em cadência seguindo o próprio automatismo do inconsciente, desencadeando o “Duplo” a que Artaud se refere, que num dado momento se oculta atrás de sua própria realidade. É uma espécie de dança superior, na qual os dançarinos seriam antes de tudo atores, e parecem obedecer a ritos conhecidos como que ditados por inteligências superiores, uma impressão de inumanidade, de divino, de revelação milagrosa, que compõe uma ideia soberana do teatro, ideia que nos parece conservada através dos séculos para nos ensinar aquilo que o teatro nunca deveria ter deixado de ser.

Figura 18 - Teatro de DyoNises, Arpoador, Ipanema, Rio de Janeiro, 2018.



Fonte: Arquivo Hotel da Loucura

O resultado é uma peça composta diretamente em cena, realizada em cena, onde o teatro é encenação, muito mais do que a peça escrita e falada, esbarrando nos obstáculos da realização em cena, impondo aos atores a descoberta de uma linguagem ativa e anárquica, em que sejam

abandonadas as delimitações habituais entre os sentimentos e as palavras.

Figura 19 – Cartazes de divulgação de espetáculos realizados pelo Teatro de Dyonises.



Espectáculos realizados pelo Teatro de Dyonises. Fonte: Arquivo Hotel da Loucura.

“Continuação faça questão

Vem o tambor

Dose com amor

O rumpilê

A dança é você

Dança o povão

Vem maracá e catimbó

Ninguém está só

Qué vim vem pra cá

E tudo bem

Qué vim vem”

Continuação. Edu Viola, 2015.

RESULTADOS - OBSERVAÇÕES SOBRE A PRÁXIS

Através da experiência vivenciada no HL eu pude conhecer o pensamento dos autores referência deste Projeto, que estão na referência bibliográfica desta pesquisa, e me tornei atriz do Teatro de Dyonises. Foi através da participação no Projeto de Pordeus que me interessei em ampliar minhas pesquisas em arte, ciência e cultura na saúde e iniciei a especialização na FIOCRUZ, além de outros processos formativos.

A formação no HL me indicou um caminho eficaz para atuar na área de saúde, arte e educação. Sinto-me apta e confiante a desenvolver uma metodologia eficaz, e hoje recebo muitos convites para multiplica-la.

Figura 20 - Eu como facilitadora da oficina de arte e saúde mental: O teatro como método, no Centro Cultural Wladimir Herzog em parceria com o CAPS da região. Diadema, São Paulo, 2014.



Fonte: arquivo pessoal.

Pude observar que a escolha comum e mais imediata para o tratamento do sofrimento psíquico era a medicalização em altas doses, de maneira que o sujeito em sofrimento perdia a relação com a própria vida. Muitos dos atores do Teatro de DyoNises e colaboradores do HL e aprendizes da UPAC internos no Hospício do Engenho de Dentro, chegavam no HL com dificuldade para andar e desnorteados, fumavam muitos cigarros quando estavam assim e não

tinham condições de entrar em cena pela dificuldade de controlar o corpo e a fala. Inúmeras vezes não iam para os ensaios porque estavam privados da liberdade.

A condição dos pacientes psiquiátricos no tratamento da doença mental não me sugeria estruturação de caminhos de evolução do quadro clínico, nem de desenvolvimento humano, nem de perspectiva de cura.

O que pude vivenciar através dos pacientes que compunham a coletividade do HL, é que no tratamento deles havia muita violência, muito encarceramento e muita repressão, e sobretudo falta de autonomia. Frequentemente os atores internos reclamavam do longo tratamento, de anos encarcerados para o tratamento, excluídos da vida comunitária e da relação familiar, sem o direito de ir e vir. As altas doses de medicamentos não possibilitava que eles desfrutassem da vida, estavam sempre se sentindo cansados, pesados e confusos, esperando por um médico que ajustaria a medicação, mas demorava em vê-los, sofriam maus tratos e a comida era ruim. Lembro-me de uma atriz interna que, sempre que conversávamos, ela me dizia: “Como posso melhorar assim?”.

Eu pude perceber com a convivência que, os pacientes psiquiátricos apontam a própria metodologia de cura o tempo todo. Eles são os mais sensíveis e vulneráveis a intervenções, percebem o ambiente e as intenções antes que se manifestem. Compreender a sensibilidade dessas pessoas significa criar condições para humanizar a prática, negar a sensibilidade de quem está sofrendo, significa brutalizar o tratamento e adoecer junto.

No HL, médicos, artistas e “loucos”, vindos de diferentes partes do mundo para pesquisar ou se tratar, ou os dois casos, pareciam ser uma grande trupe de teatro popular, se dedicavam conscientes que a possibilidade da cura estava ali. Cada um com suas maneiras de existir, completamente diversa, compunham um grande espetáculo por si só, convivendo e criando possibilidades de relação. Era muito interessante observar. Da contemplação à participação era uma travessia tão sublime que nem me lembro de como foi a minha. Não sei a primeira vez que entrei em cena, a sensação é que estávamos todos em cena o tempo todo. E na cena, logo percebo que estamos todos juntos, que somos um corpo único, e isso revela muito da nossa ancestralidade, da biologia e de um cotidiano de colaboração com perspectivas concretas para a saúde coletiva.

Todos sabem cantar as cantigas e representar as peças, quem não sabe aprende com a repetição que sutilmente vai afetando os corpos e transformando as ações para um grande ato coletivo.

A sensação é que nos juntamos a Nise da Silveira em um trabalho onde a arte é curativa, alivia a dor, permite a manifestação da vida e a convivência amorosa.

“Escuta, escuta o outro, a outra já vem
Escuta, acolhe cuidar do outro faz bem
Cuidar do outro é cuidar de mim
Cuidar de mim é cuidar do mundo”
Cantiga Escuta, Acolhe. Ray Lima

Estar no Hotel da Loucura era se sentir vivo, onde nos víamos refletidos no outro.

“Somos um círculo, dentro de um círculo sem início e sem fim”
Cantiga popular entoada no Hotel da Loucura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2016, o médico e ator idealizador do HL, Vitor Pordeus, foi exonerado da coordenação do Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde, que ele mesmo criara em 2009 e, que o mantinha trabalhando no Instituto de Assistência à saúde Nise da Silveira, como responsável pelo projeto Hotel do Loucura, em um cargo de confiança.

A exoneração de Pordeus ocorreu sem anúncio prévio e ele foi substituído por um fotógrafo, Marcelo Gonçalves Moura Valle, o que culminou no fim do Projeto. “A má condução deste trabalho pode levar a desdobramentos graves no tratamento psiquiátrico”, afirma Vitor Pordeus, em entrevista para o jornal O globo de 22 de julho de 2016.

Em 2017, ano que escrevo esse trabalho, a reforma psiquiátrica adotada no Brasil sofre uma ameaça à política de saúde mental. O então Ministro da Saúde do governo Temer, Ricardo Barros, está desfazendo uma política de Estado amparada pela legislação federal e pelo controle social do SUS. Em dezembro deste mesmo ano, a reunião ordinária da comissão Intergestores Tripartite do Sistema Único de Saúde aprovou, sem nenhum tipo de discussão, mudanças na política de saúde mental propostas através de portaria que limita os recursos para unidades que trabalham com a reinserção psicossocial de pessoas, ao passo que aumentam o custeio de hospitais psiquiátricos. A proposta ressuscita o financiamento de ambulatórios de saúde mental, sobreposto aos serviços comunitários existentes.

Durante a residências arte científica, conviver diariamente com pacientes psiquiátricos e a metodologia que vos apresento, concomitante a especialização do curso em Ciência, Arte e Cultura na Saúde da FIOCRUZ fortaleceu meu ato criador, instigador, inquieto, rigorosamente curioso e persistente para dar vazão a outras metodologias possíveis para a atenção as dores da mente, que no lugar do controle permita a manifestação, e esteja protegida pelo acolhimento, pelo afeto, pelo vínculo, pelo diálogo e pela relação com a natureza e a ancestralidade onde a compreensão de diferentes modos de viver é possível.

As ações do HL continuam com a colaboração da rede da UPAC. Em 2018 uma casa foi doada por uma das atrizes do Teatro de Dyonises, Zezé Moraes, para a constituição de uma clinica-teatro no Grande Meier, assim, o grupo reinicia seu trabalho no Rio de Janeiro, em agosto de 2018.

“Sem culto a culpa OcupaNise
Engenho de dentro pra fora”
Cantiga-chave dos Congressos da UPAC no Hotel da Loucura.

Figura 21 - Primeira ação do ano de 2018, na reinauguração e continuidade das ações do Hotel da Loucura na nova sede, Teatro Clínica Therezinha Moraes no Grande Meier, Rio de Janeiro.



Fonte: Arquivo Hotel da Loucura

No momento histórico atual, experiências originais desenvolvidas por cientistas e artistas brasileiros são urgentemente necessárias. A crise na saúde mental e os níveis de autodestruição da humanidade são crescentes.

O Ministério da Saúde, na Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS)³⁰, reconhece que os valores fundamentais na efetivação da promoção da saúde pública são: solidariedade, felicidade, ética, o respeito à diversidade, a humanização, a corresponsabilidade, a justiça e a inclusão social. E adota como princípios a equidade, a participação social, a autonomia, o empoderamento, a interssetorialidade, a sustentabilidade, a integralidade e a territorialidade.

As diretrizes da política estão fundamentadas no estímulo à cooperação e articulação; incentivo a gestão democrática participativa e ao controle social; desenvolvimento de ações

³⁰ https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude_3ed.pdf

que sejam sustentáveis nas dimensões política, social, cultural, econômica e ambiental e estímulo à pesquisa.

A PNPS tem por objetivo geral promover a equidade e a melhoria das condições e modos de viver, ampliando a potencialidade de saúde individual e coletiva.

Como seria se as intervenções para promoção da saúde se propusessem a elaborar novas possibilidades de modificar e qualificar as condições e modos de vida, orientando-se pela produção de vida e de saúde que não se restringe à cura de doenças, considerando aspectos da saúde para além do biológico, acreditando que a vida pode ter várias formas de ser percebida, experimentada e vivida?. Para tanto, é necessário olhar o sujeito em suas múltiplas dimensões.

A arte através do ato criador representa uma possibilidade de acessar o inconsciente e de oferecer um modo substancialmente mais amplo de conhecimento e emoção, negociando subjetividades para relações que promovam saúde, passando pela experiência da totalidade e compreendendo o organismo vivo de maneira integral.

Hoje, quando falamos em teatro a primeira imagem que vem a cabeça é do edifício teatral. Mais que uma forma de expressão humana a palavra teatro significa construção, prédio, geralmente uma construção imponente, um edifício luxuoso, confortável com elementos decorativos, poltronas, camarotes, balcões privilegiados, galerias para onde foram empurrados os remanescentes do espetáculo original.

A mesma provocação pode-se levar para o espaço de saúde pública, pois ambas reflexões são produzidas pela cultura. Quais são os espaços de saúde da nossa comunidade?

Ao contrário do imaginário popular contemporâneo, o teatro sempre esteve nas ruas. Onde se pode encontrar a medicina na nossa sociedade? Um artista popular está sempre rodeado de seu público sem o edifício teatral em volta dele. Onde estão os médicos da nossa comunidade? Onde estavam os médicos na ancestralidade? Porque?

Será possível amalgamar o teatro e a saúde? O Projeto Hotel da Loucura demonstrou que sim. Na sua origem e de acordo com registros históricos, a medicina, a princípio, era baseada na comunidade através de manipulação de ervas e tratamentos naturais que podiam ser encontrados no território, muitas vezes com fundos místicos. Aos poucos com o avanço do olhar científico e experimental foi ganhando os aspectos de ciência e tecnologias que vemos hoje.

Na metodologia do *Hotel da Loucura* há uma proposta, através do teatro, de uma ideia de resgate da ancestralidade, por meio dos ritos teatrais onde é possível evocar as forças coletivas. E na relação cotidiana do grupo é possível fazer refletir a cultura e a maneira em que nos colocamos no mundo, resgatando um profundo respeito com o outro, na atitude de

responsabilidade, de curiosidade intelectual, e de luta contra toda injustiça. Libertando-nos dos preconceitos, dos códigos preordenados, dos psicotrópicos, das noções técnicas e científicas preconcebidas, compreendendo que estamos lidando com as contradições sociais da loucura.

Penso sempre nas noites passadas no hospital psiquiátrico compartilhando o espaço de conviver, os quartos, os banheiros, os pratos.

Penso na emoção coletiva durante o desmonte do espaço com o fim do projeto de Pordeus. Lembro de tantas vezes que joguei sal grosso pelo espaço, que lavávamos os corredores, tomávamos banho com ervas, rezávamos, cantávamos, ríamos alto, cozinhávamos coletivamente e nos alimentávamos juntos, convidando todos que estavam naquele lugar a participarem para que nunca mais houvesse manicômio. E nesses dias estávamos todos em plena saúde.

O trabalho teatral nutria o cotidiano do coletivo, assim como o cotidiano coletivo era matriz para o teatro. A partir dessa reflexão assumimos que somos atores e que o mundo é um palco. E assim, inauguramos a micropolítica capaz de desmistificar o poder, mostrando seu enraizamento e penetração no cotidiano da vida, bem como sua duplicidade e multiplicidade, produzindo experiências e saberes, considerando subjetividades, ideologias por meio de um centro infinito, o biocentrismo.

Penso nas festas, e depois em todos os momentos de celebração da vida, que nos conferiram uma dimensão leve e alegre para essa experiência.

Penso em Vitor Pordeus, em seu sorriso, em seus tiques, em sua busca incansável por saúde para todos, na sua capacidade de se misturar e mexer com nossos corações, corpos, mentes e ações, e em seu desejo de convencer sem pretender vencer.

O processo é o movimento permanente de aproximação com a própria história e tem uma função de autoconhecimento, isso resulta no caráter educativo que daí se desdobra.

O processo de desenvolvimento biológico, corporal e psíquico se dava pelo ganho e fortalecimento da autonomia. Creio que não teremos resultados que comprovem o desenvolvimento humano caso não haja espaços de promoção de autonomia.

Penso no *Hotel da Loucura*, lá dentro se encontrava o mundo. A porta estava sempre aberta e qualquer pessoa entrava e interagia.

Questionávamos sobre tudo, o HL era nossa ágora, nossa escola de colaboração, e todos eram companheiros de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO-JORGE, TC. **Ciência e Arte: Caminhos para a inovação e criatividade**. Em: *Ciência e Arte: Encontros e sintomas. Parte I Cap.1*, pp: 24 – 47. Org. T Araújo-Jorge. Editora Senac, Rio de Janeiro, Brasil, 2004.

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. Tradução de Teixeira Coelho. 3.ed., 1 reimp. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 173p.

ARTAUD, Antonin. **Van Gogh – O suicidado pela sociedade**. 2ªed. Rio de Janeiro: Ochiamé, 2000.

BAPTISTA, Tatiana Wargas de Faria. **História das políticas de saúde no Brasil: Trajetória do direito à saúde**. 2003.

Disponível em: < <https://www.passeidireto.com/arquivo/69132195/historia-politicas-saude-tatiana-baptista-texto-1-20190807-1314>

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental : 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf

BRECHT, Bertold. **Cinco dificuldades de escrever sobre a verdade**. Brasília: Editora Abadia Catadora, 2014. Tradução de Vitor Pordeus. Disponível em: <https://archive.org/details/CincodificuldadesDeEscreverSobreAverdade>

Determinantes Sociais da Saúde - Portal e Observatório sobre iniquidades em saúde. Disponível em: < <http://dssbr.org>> Acesso em novembro de 2017

EURÍPEDES. **As bacantes**. Tradução de Eudoro de Sousa. 1.ed. São Paulo: Editora Hedra, 2010. 144p.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1975.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Tradução de Dora Mariana R. Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

Manifesto da UPAC. Disponível em: < <http://www.upac.com.br/#/upac>> Acesso em 15 maio de 2017.

MARIOTTI, Humberto. **Autopoiese, Cultura e Sociedade.** Disponível em:< <http://www.dbm.ufpb.br/~marques/Artigos/Autopoiese.pdf>> Acesso em 12 de dezembro de 2017.

MELLO, Luiz Carlos. **Nise da Silveira: Caminhos de uma psiquiatria rebelde.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Automática Editora. 2014.

SHAKESPEARE, William. Ato III, Cena 2. In:_____. **Hamlet.** Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013, 2.ed. P. 71 – s83.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética.** Tradução de Tomaz Tadeu. 2.ed., 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. 238p.

STRECK, D., REDIN, E., & ZITKOSKI, J. J. (org). (2008). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

Política Nacional de Promoção de Saúde. Disponível em: < http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt2446_11_11_2014.html> Acesso em 24 de agosto de 2017.

PORDEUS, Vitor. **Teatro como método de cuidado em saúde mental.** Disponível em: https://www.academia.edu/27821857/Teatro_como_m%C3%A9todo_de_cuidado_em_saude_mental. Acesso em 7 de junho de 2017.

PORDEUS, Vitor. **A biologia pode nos ajudar a entender a psicopatologia?.** Disponível em:https://www.academia.edu/31622944/A_biologia_pode_nos_ajudar_a_entender_a_psicopatologia. Acesso em 7 de junho de 2017.

PORDEUS, Vitor. **Até ator tem**. Imanentemente Blog 2007. Disponível em: <http://immanentemente.blogspot.com.br>. Acesso em 20 de agosto de 2018.

VENTURINI, Ernesto. **A desinstitucionalização: Limites e possibilidades**. Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano. 2010; 2011: 138 – 151. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/19953>> Acesso em 8 de outubro de 2017.

WANDERLEY L. **O Dragão Pousou no Espaço**. Arte contemporânea, sofrimento psíquico e objeto relacional de Lygia Clark. 1ªed. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

Filmes documentários

Canal YouTube Hotel da Loucura:

<https://www.youtube.com/channel/Uck7iOL1cF1-L2qCYyilPgY>

Cultura, Arte e Saúde – Registros OcupaNise – EdPopSUS SGEP FIOCRUZ – Rio de Janeiro – 2013/04/ 07 – vídeoyoutube – Parte do material didático e do acervo de registros audiovisuais do programa de educação popular em saúde.

Bibliografia adicional sugerida

ALVES, Ana Alexandra Marinho; RODRIGUES, Nuno Filipe Reis. **Determinantes sociais e Economicos da Saúde Mental**. Rev. Port. Sau. Pub., Lisboa , v. 28, n. 2, p. 127-131, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-90252010000200003&lng=pt&nrm=iso>

BASAGLIA, Franco. **A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico**. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

MATURANA, H. R. & VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001. 283 p.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001. 200 p

JUNG, C. G. **A vida simbólica**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2000. p. 56.

PORDEUS, Vitor. Toda obra disponível em: <
[https://upac.academia.edu/VitorPordeus?fbclid=IwAR1D-
eVRD0d5tTDuMKhOUFHMDmiaUqS4mTTAIRIDZwdeLuKaW7J5kYFc4uU](https://upac.academia.edu/VitorPordeus?fbclid=IwAR1D-eVRD0d5tTDuMKhOUFHMDmiaUqS4mTTAIRIDZwdeLuKaW7J5kYFc4uU) > Acesso em
10 de setembro de 2017.

SILVEIRA, Nise. **Jung vida e obra**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. p. 37

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

SILVEIRA, Nise da. **Casa das Palmeiras. A emoção de lidar. Uma experiência em psiquiatria**. Rio de Janeiro: Alhambra. 1986.

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 1992.

SILVEIRA, Nise da. **Nise da Silveira**. Brasil, COGEAE/PUC-SP 1992.

SILVEIRA, Nise da. **Cartas a Spinoza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1995.

SILVEIRA, Nise da. **Gatos - A Emoção de Lidar**. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1998.

VERNANT, Jean Pierre. **Mito e Pensamento**. São Paulo: Edusp, 1973.